

# Nietzsche no Brasil (1933-1943): Da ascensão do nacional- socialismo ao Grande Reich Alemão

Luís Rubira\*

**Resumo:** A recepção do pensamento de Nietzsche pela inteligência brasileira, entre o início da década de 1930 e a véspera do centenário de seu nascimento, constitui o tema do presente ensaio. Para tanto, busca-se analisar aproximadamente cinco dezenas de artigos que surgiram na imprensa nacional, dos quais dezoito foram trazidos ao público em sua íntegra nos *Cadernos Nietzsche*. Para bem compreender o debate, investiga-se também o papel desempenhado pelas traduções de livros de intérpretes do filósofo e das primeiras traduções das obras de Nietzsche editadas no Brasil. Em meio à complexidade de abordagens do pensamento nietzschiano entre nomes expressivos do cenário intelectual brasileiro, acaba por transparecer que muitos deles dissociaram o vínculo entre o nome do filósofo e o nazismo, reconhecendo-o como o pensador que antecipara as tensões imanentes do século XX – o “homem que foi um campo de batalha”, tal como definiu Mário Ferreira dos Santos no prefácio que escreveu em 1943 para a sua tradução de *Avontade de Potência*.  
**Palavras-chave:** Nietzsche - recepção - Brasil - nazismo - imprensa - traduções - interpretação.

## Nietzsche, filósofo do nazismo?

Quando a extrema-direita ascende ao poder na Alemanha em janeiro de 1933, surge já em abril o primeiro texto publicado no Brasil que associa a filosofia de Nietzsche ao nazismo. Vertido

---

\* Professor da UFPel, Brasil. Correio eletrônico: [luiseduardorubira@gmail.com](mailto:luiseduardorubira@gmail.com). Agradeço a Fabiano Pinto pela descoberta, em janeiro de 2014, do artigo que deu origem a esta pesquisa sobre a recepção de Nietzsche no Brasil.

para as páginas da *Revista do Globo* por um tradutor anônimo, o artigo “Nietzsche, fonte de Hitler” dá a entender que seu autor, o historiador francês Jean Gaudefroy-Demombynes, recentemente retornara da Alemanha – que pouco depois da nomeação de Hitler como Chanceler havia sido palco do golpe de estado que abriria o caminho para o totalitarismo de um partido ultra-nacionalista, antissemita e anti-marxista. No entanto, quando Demombynes afirma que irá tratar de Hitler por ter “vivido [na Alemanha] o verão passado”, ele, na verdade, está se referindo não ao verão europeu de 1933, mas sim ao de 1930-1931 – informação esta que é omitida, entre outras, na tradução parcial de um texto de maior fôlego que aparecera nas páginas da revista *Mercure de France* em agosto de 1932<sup>2</sup>. A *Revista do Globo*, cuja direção recentemente havia sido assumida por Érico Veríssimo, tinha suas razões, ao que tudo indica, para “adaptar” o artigo original, visto que “com esta publicação (...) a *RG* expressava a desconfiança existente na Europa em relação ao novo Chanceler alemão”<sup>3</sup>. De outra parte é preciso considerar que o Rio Grande do Sul, reduto da colonização alemã no país desde a primeira metade do século XIX, experimentava já um regime de tensão entre os descendentes alemães, os quais, em poucos anos, seriam alvo de perseguições violentas em todo o Estado<sup>4</sup>.

No texto publicado pela *Revista do Globo*, Jean Gaudefroy-Demombynes (que durante os anos 1930 a 1947 irá dedicar-se intensamente a refletir sobre Hitler<sup>5</sup>, chegando mesmo a traduzir *Mein Kampf* para o francês – edição que será publicada sem

---

2 GAUDEFROY-DEMOMBYNES, J. “Hitler ou la faillite du surhomme – Nietzsche source de Hitler”. In: *Mercure de France*, t. 237, 1/8/1932, p. 513-529.

3 DALMÁZ, M. *A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 127.

4 Cf. FACHEL, J. P. *As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul*. Pelotas: Editora da UFPel, 2002.

5 Cf. “Recueil. Dossiers biographiques Boutillier du Retail. Documentation sur Adolf Hitler”. Paris: Bulletin quotidien: Le Journal: Études: etc, 1930-1947.

cortes em 1943, durante a Ocupação Alemã)<sup>6</sup>, busca refletir sobre as causas de ascensão do nacional-socialismo a partir de impressões que tivera da Alemanha no mesmo período em que lá se encontravam, dentre outros, Sartre e Raymond Aron<sup>7</sup>. Para o historiador não seriam os problemas econômicos que moveriam os hitleristas à guerra, mas sim “fontes espirituais”, um “dinamismo filosófico” inerente à cultura germânica, com raízes em Lutero e nos românticos alemães, sintetizadas no pensamento nietzschiano. Principal responsável pela ruptura alemã com o ideal clássico dos antigos e com a racionalidade francesa, Nietzsche seria a “dinamite” na mão da geração alemã de 1900, a qual teria confundido Zaratustra com Hitler<sup>8</sup>. Apesar deste texto nas páginas da *Revista do Globo* e de outro artigo também vindo da França sob o título “Nietzsche, precursor do nazismo”, publicado no ano de 1934 no jornal carioca *Diário de Notícias*, ainda levariam alguns anos para que se desenvolvesse no Brasil o debate entre aqueles que vinculariam o nome do filósofo ao nazismo e intelectuais que o defenderiam de apropriações políticas equivocadas de seu pensamento.

Antes, porém, de perseguir esta polêmica, é importante recuar alguns anos para delimitar o modo como Nietzsche vinha sendo recepcionado no Brasil antes da ascensão do nacional-socialismo na Alemanha.

---

6 HITLER, A. *Mein Kampf*. Trad. J. Gaudefroy-Demombynes et A. Calmettes. Édition non expurgée à l’usage des Français. [Avant-propos de l’édition d’Alger, 1943].

7 Cf. ARON, R. *O espectador engajado*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982, em particular o capítulo “Um jovem intelectual dos anos 1930”.

8 GAUDEFROY-DEMOMBYNES J. “Nietzsche, fonte de Hitler”. In: *Revista do Globo*. Porto Alegre, v. 5, n. 108, 5 de Abril de 1933, p. 4 e 5. A compreensão do autor acerca de Nietzsche mudaria com o passar do tempo. Cf. *Bulletin de la Société française d’études nietzschéenes*: “Nietzsche et l’existentialisme” (Mai 1952); “Note sur Nietzsche philologue” (n.1, November 1961) e “Nietzsche et Socrate”(n. 2, Marz 1963).

## A recepção brasileira de Nietzsche no início da década de 1930

Presente na capa do jornal carioca *O Paiz* em janeiro de 1930 sob o título “O fim de Nietzsche”, o texto que de certo modo inaugura a recepção brasileira do filósofo na década de trinta provém do continente europeu. Traduzido do francês, o artigo tem como foco dados biográficos dos últimos dias de Nietzsche em 1888: “Paris, novembro: O Sr. Guy de Pourtalès acaba de terminar, na *Revue de Paris*, sua série de penetrantes e vivos artigos sobre Nietzsche na Itália. Com uma simpatia clarividente e piedosa, ele evoca o fim patético do grande homem”<sup>9</sup>. Referindo-se ao escritor franco-suíço que em 1929 publicara *Nietzsche na Itália*<sup>10</sup>, o autor do artigo explora dados da correspondência final de Nietzsche e dos dez anos de sua “vida vegetativa”.

O interesse pela biografia do filósofo também transparece em “A equipagem de Frederico Nietzsche”, publicado no Rio de Janeiro em 1931, de autoria do escritor e crítico literário espanhol Benjamín Jarnés, que escreve o texto em Paris em maio do mesmo ano após a leitura do livro de Portalès. Tematizando um encontro entre Nietzsche e a senhorita Isabelle von der Pahlen, a “linda mulher” com quem o filósofo partilhara o vagão durante toda uma noite numa viagem de trem para Gênova em 1876<sup>11</sup>, Jarnés coloca o acento na genialidade de Nietzsche, o “pregoeiro da eterna alegria”, que transformar-se-ia no contato com a Itália: “o norte fez dele um filólogo e um filósofo – o sul o faria um poeta”<sup>12</sup>.

---

9 ANÔNIMO. “O fim de Nietzsche”. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, 13 e 14/1/1930.

10 PORTALÈS, G. de. *Nietzsche en Italie*. Paris: Bernard Grasset, 1929.

11 Em seu livro *La Voyage de Nietzsche à Sorrente (genèse de la philosophie de l'esprit libre)* de 2012, publicado com um título comercial no Brasil em 2014, Paolo D'Iorio mostra-nos as impressões de Isabelle von der Pahlen sobre o encontro com Nietzsche (Cf. D'IORIO, P. *Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia*, em particular páginas 22 a 33).

12 JARNÉS, B. “A equipagem de Frederico Nietzsche”. In: *O Jornal*. Rio de Janeiro, 21/6/1931, p. 7.

Ainda em dezembro de 1931, mantém-se o foco em aspectos da vida pessoal do pensador alemão, mas, curiosamente, em uma “comunicação” vinda de uma “zona espiritual”, além-túmulo, como reza o texto “A sombra de Nietzsche”, publicado em Curitiba: “O médium que fielmente o interpreta é o senhor P. Petri, italiano, clínico ilustrado e de grande reputação (...). E como se não bastassem as suas forças mediúnicas correrem em auxílio as forças, também inesperadas, de sua esposa, a senhora Ghilomena, e de uma amiga de casa, a senhora Matilde Caccialupi. O terno perfeito e homogêneo forneceu a Nietzsche o ambiente para se manifestar e ditar quatro poderosos volumes, nos quais ele qualifica-se de ‘Messias do materialismo moderno’”<sup>13</sup>. O artigo escrito por um provável espírita brasileiro que assina sob o pseudônimo de Mariano Rango d’Aragona gira em torno da “tragédia espiritual de Nietzsche”, uma “viva alma palpitante, sem paz, porém, e sem descanso”. Trata-se, no entanto, não de uma invenção (dirigida aos conterrâneos do país onde a doutrina de Allan Kardec encontrou fortes seguidores a partir do final do século XIX)<sup>14</sup>, mas de dados contidos numa troca de correspondência entre a italiana Matilde Pichetti-Caccialupi e Elisabeth Förster-Nietzsche (preservada no Nietzsche-Arquiv em Weimar)<sup>15</sup>, tema que voltou a ser explorado na Itália em 2012 no artigo “sessão espírita com Nietzsche”<sup>16</sup>.

A recepção de Nietzsche no Brasil ganha novos contornos em 1932, com a publicação de *Assim falava Zarathustra*, na tradução do português Araújo Pereira, lançada pela editora Moderna Paulistana. Tratava-se da primeira edição de uma obra de Nietzsche

13 D’ARAGONA, M. R. “A sombra de Nietzsche”. In: *Diário da Tarde*. Curitiba, 18/12/1931, p. 3.

14 Neste sentido, indicamos o capítulo “A inserção do espiritismo no universo cultural brasileiro” em: GIL, M. F. *O movimento espírita pelotense e suas raízes sócio-históricas e culturais*. Franca, SP: Unifran, 2011, p. 93-116.

15 GSA 72/BW 4158. “Brief(e) von Pichetti-Caccialupi, Matilde an Förster-Nietzsche”. In: *Nietzsche-Archiv*, 1926-1931. – 7 Stück, 17 Blatt.

16 ALBANI, P. “Seduta spiritica con Nietzsche”. In: *Domenica - Il Sole 24 Ore*, 228, 19/8/2012, p. 28.

em língua portuguesa publicada por uma editora brasileira, mas não da primeira edição em língua portuguesa de *Assim falava Zaratustra*, tal como dava a entender uma notícia veiculada em abril daquele ano no jornal *A Gazeta*: “Os que, desconhecendo o idioma alemão, desejavam ler o ‘Assim falava Zaratustra’, até há pouco eram obrigados a recorrer às traduções francesa e espanhola. O aparecimento da obra, em nossa língua, veio, portanto, prestar um grande serviço aos estudiosos e aos admiradores de Nietzsche”<sup>17</sup>. Informação capaz de produzir equívocos<sup>18</sup>, o fato é que já circulava pelo Brasil, desde a década de 1910, a edição portuguesa *Como falava Zaratustra*, na tradução do próprio Araújo Pereira (Lisboa: Guimarães & C.<sup>a</sup> – Editores, 1913)<sup>19</sup> e *O Anti-Christo: estudo crítico sobre a crença cristã*, na tradução de Carlos José de Menezes (Lisboa: Guimarães, 1916). Diga-se de passagem, aliás, que Carlos José de Menezes verteu para a língua portuguesa, ainda no final do século XIX, a obra *A Genealogia da moral* (Lisboa: Guimarães, 1898).

A recente tradução de *Assim falava Zaratustra* irá motivar, em maio de 1932, um artigo também publicado em Curitiba, sob o título “Os críticos de Nietzsche”. Seu autor, o professor Francisco Stobbia<sup>20</sup>, catedrático de língua e literatura italiana da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, em visita à “Livreria na

---

17 ANÔNIMO. “Assim falava Zaratustra”: o livro de Frederico Nietzsche numa edição portuguesa”. In: *A Gazeta*, São Paulo, 12/04/1932, p. 7.

18 Em Dissertação de Mestrado defendida no Rio de Janeiro em 2015, Antonio Barroso afirmou a partir da informação publicada em *A Gazeta* de 12/04/1932: “A primeira obra de Nietzsche traduzida em português que chegou ao Brasil foi a edição portuguesa *Assim falava Zaratustra: um livro para toda a gente e para ninguém*, traduzido por Araújo Pereira e publicado pela Editorial Moderna Paulistana” [Cf. BARROSO, A. V. T. L. *Um Nietzsche à brasileira: uma leitura do pensamento nietzschiano no modernismo (1890-1940)*, p. 23]. A informação errada de *A Gazeta* em nada desmerece este seminal trabalho de Barroso sobre a pesquisa Nietzsche no Brasil, orientado por José Nicolau Julião.

19 Dois exemplares desta primeira edição, que pertenceram respectivamente ao escritor e poeta Jorge Salis Goulart e ao professor de Direito João Brum de Azeredo, fazem parte, atualmente, do acervo da Biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas.

20 Francisco Stobbia (1881-1961). Autor de *História e estética da música* (1961). Indicaremos dados biográficos e bibliográficos apenas em relação aos autores cujos textos transcritos ainda não receberam publicação nos *Cadernos Nietzsche*.

artéria central de Curitiba”, pertencente ao “crítico mais severo”, o “auxiliar dos críticos” João Ghigone, encontra na estante a edição brasileira do *Zaratustra* e, entabulando conversa com o culto livreiro, espanta-se com o fato de que todas as obras de Nietzsche ainda não tenham sido vertidas para a língua portuguesa. O livreiro, desconhecendo as leituras de seu interlocutor sobre Nietzsche, explica-lhe que existem diferentes edições da obra do filósofo e faz questão de apresentar-lhe “a admirável edição das obras completas de Nietzsche, publicada pelo ilustre editor M. Aguilar sobre a edição príncipe da Kröner de Berlim, e dirigida pelo eminente filósofo Prof. Eduardo Devejero y Maury, catedrático da Universidade de Madrid”. Stobbia então relata em seu artigo que, em 1906, no momento em que “acabava de ler ‘Assim falou Zaratustra’ na esmerada edição Fratelli Bocca de Turim”, conhecera nesta cidade uma senhora, “num antigo casarão de Piazza Castello”, que hospedara Nietzsche em sua residência, tendo ele mesmo visitado o quarto do filósofo. Conhecedor da obra do pensador alemão há alguns anos, o qual considera como “tão vasto e profundo que – ordenando a complexa matéria – se poderia instituir um verdadeiro curso acadêmico da sua filosofia”, ele então ataca os “críticos superficiais de Nietzsche”, entre os quais o belga Fierens Gervært, em sua obra *La tristesse contemporaine* (Paris: Alcan, 1899) e paranaense Nestor Victor<sup>21</sup>, de *A crítica de ontem* (Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1919)<sup>22</sup>.

O ano de 1932 ainda traz à luz nas páginas do jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, o extenso artigo “Dostoiewski e o regresso eterno”, no qual seu anônimo autor, apesar de desenvolver uma compreensão significativa do tema do eterno retorno em Nietzsche, acaba por cometer o erro de pressupor que o filósofo

---

21 Nestor Victor é autor de um dos primeiros textos críticos sobre Nietzsche publicado em 1900 (VICTOR, N. “F. Nietzsche”. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, 26/12/1900, p. 2). Tal artigo transcrito foi publicado por Geraldo Dias nos *Cadernos Nietzsche*, v. 35, Setembro de 2014.

22 STOBBIÀ, F. “Os críticos de Nietzsche”. In: *Diário da Tarde*. Curitiba, 17/5/1932, p. 3.

teria lido *Os irmãos Karamozov* de Dostoievski antes de escrever o seu *Zaratustra*<sup>23</sup>.

## **Um filósofo em voga (1933-1935): as aproximações com o nacional-socialismo; o contraponto das edições de Stefan Zweig**

Enquanto no extremo-sul do Brasil o artigo do historiador francês Gaudefroy-Demombynes suscitava um vínculo entre a filosofia de Nietzsche e a ascensão do nacional-socialismo, no Rio de Janeiro um colunista brasileiro do jornal *Correio da Manhã* entregava aos seus leitores, em maio de 1933, uma visão bem mais ampla sobre o filósofo. Atento ao artigo “L’actualité de Nietzsche”, publicado anonimamente na França no mesmo ano<sup>24</sup>, João José inicia seu texto com a sentença: “foi Stefan Zweig quem repôs Nietzsche na moda, com o livro que publicou em 1931 sobre a vida e a obra do grande homem”<sup>25</sup>. Apesar do erro em relação ao ano de publicação do livro, visto que a primeira edição em alemão é do ano de 1925<sup>26</sup>, tendo sido vertido já para o francês em

---

23 Segundo o autor, em *Os irmãos Karamazov* (1879) “Ivan vê entrar em seu quarto, um homem que parece pertencer à alta sociedade e que no momento é o demônio que em conversa esboça a teoria de Nietzsche sobre o eterno regresso das coisas” (ANÔNIMO. “Dostoievski e o regresso eterno”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 6/11/1932). Trata-se de um equívoco, pois Nietzsche somente tomará contato com a obra de Dostoievski em 1886, sendo que sua hipótese do eterno retorno do mesmo, no qual faz alusão a um “demônio” (*Dämon*), havia sido apresentada no parágrafo 341 do quarto livro de *A gaia ciência*, publicado em 1882 – hipótese esta motivada por outras razões (Cf. RUBIRA, Luís. *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores*. São Paulo: Discurso Editorial/Editora Barcarolla, 2010, em particular os capítulos II e III).

24 “L’actualité de Nietzsche”. In: *Le Mois*. Paris, 1/2/1933. Autor desconhecido. O artigo encontra-se no Nietzsche-Arquiv, em Weimar.

25 JOSÉ, J. “Nietzsche na moda”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 6/5/1933, p. 6.

26 ZWEIG, S. *Der Kampf mit dem Dämon: Hölderlin, Kleist, Nietzsche*. Leipzig, 1925.



1928<sup>27</sup> e para o italiano no próprio ano de 1933<sup>28</sup>, o fato é que a interpretação de Zweig sobre o autor do *Zaratustra* despertava um interesse crescente entre nós, haja vista que uma primeira tradução brasileira já estava em andamento e surgiria no ano seguinte, como veremos<sup>29</sup>. No entender de João José, a presença do filósofo alemão na cena contemporânea, todavia, dever-se-ia não somente ao livro do austríaco e aos ensaios de outros estudiosos como Salomé (1893), Bertram (1918), Andler (1920) e Walz (1932)<sup>30</sup>, mas a um fenômeno particular: o próprio Nietzsche teria antevisto que seria compreendido “depois da próxima guerra”<sup>31</sup>.

Ainda no mês de maio de 1933, o jornal paulista *Folha da Noite* enfatiza que “Nietzsche, o incomparável filósofo alemão do século XIX, está sendo, nesta época de convulsões políticas e de dúvidas acerbas sobre o destino da civilização, muito lido, especialmente pelos espíritos novos”, destacando que “um dos melhores livros escritos sobre sua personalidade é o que acaba de dedicar-lhe Stefan Zweig”, ocasião em que entrevista a crítica literária e ensaísta brasileira Lúcia Miguel Pereira:

Já se tem escrito muito sobre Nietzsche, e, na verdade, é estranhamente fascinante a figura trágica desse gênio megalômano, desenfreado e doentiamente sincero. Entretanto, ainda deve haver muito a dizer, pois o livro de Stefan Zweig, vindo depois de tantos outros, emociona como se contasse um fato novo [...]. O livro é todo uma vibrante epopeia, cujo ritmo se vai moldando ao assunto. Sente-se passar por ele como um frêmito de

27 A primeira edição francesa é: ZWEIG, S. *Le combat avec le démon: Frédéric Nietzsche*. Trad. Alzir Hella et Olivier Bournac. Paris: Librairie Stock, 1928, reeditado em 1930. Não conseguimos, no entanto, localizar uma edição do ano de 1931.

28 ZWEIG, S. *La lotta col demone: Hölderlin, Kleist, Nietzsche*. Trad. Aldo Oberdorfer. Milano, 1933.

29 Na Biblioteca Nacional consta o “Recibo de cessão de direito de tradução do livro *Nietzsche à Zoran Ninitch*. Rio de Janeiro: [s.n.], 10/06/1933”. Zoran Ninitch será um dos tradutores do livro que ganhará publicação em 1934.

30 Trata-se, respectivamente, dos livros: SALOMÉ, Lou-Andreas. *Nietzsche* (1893); BERTRAM, Ernst. *Nietzsche, essai de mythologie* (1918); ANDLER, Charles. *Nietzsche, sa vie et sa pensée* (1920); WALZ, Georges. *La vie de Frederic Nietzsche après sa correspondance* (1932).

31 Cf. JOSÉ, J. “Nietzsche na moda”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 6/5/1933, p. 6.

horror: vê-se, como dizia Novalis, “luzirem os olhos do caos através do véu da ordem”. Calmo a princípio, como o foi a primeira mocidade do herói, vai se apressando e se fazendo trepidante, ofegante, opressivo à medida que se desenha a crise, para explodir afinal, tumultuário e quase triunfal, na fase eufórica que precedeu a loucura. A imagem de Nietzsche, delirante, a desafiar um mundo que o ignora, comparada à de Napoleão – esse outro destruidor – lançando diante do Kremlin, incendiando as suas mais audazes proclamações, rodeado apenas dos destroços miseráveis de um exército perdido nos desertos da neve, fixa como um símbolo o perfil do solitário de Sils-Maria<sup>32</sup>.

Mas enquanto em maio de 1933 Lúcia Miguel Pereira aproxima metaforicamente Nietzsche e Napoleão para colocar a ênfase no aspecto “destruidor” de ambos, em outubro do mesmo ano o jornalista Correa Velho escreve um artigo para destacar o “grande e excepcional pensador”, que incompreendido por seus contemporâneos e críticos tinha, na verdade “anseio de pesquisar e construir em prol da sociedade humana”. Em decorrência do aspecto construtivo do pensamento nietzschiano, Correa Velho julga que “todas as suas obras são cheias de profundos ensinamentos filosóficos”. Para ele a “obra-prima” de Nietzsche seria *Assim falava Zaratustra* (a indicação nominal do título permite suspeitar que o autor acabara de ler a edição brasileira da editora Moderna Paulistana), acerca da qual delinea alguns temas:

Esta obra, cujo traço principal é o seu caráter eminentemente simbólico, é uma coletânea de parábolas, dividida em quatro partes. Na primeira, o imperecível pensador ensina a sua doutrina, fala do super-homem e ridiculariza os seus adversários. Nas demais partes, ele, dando asas à sua sensibilidade aguçada e de forte expressão, escreve sob um lirismo exaltado, exteriorizando, ora o seu entusiasmo, ora a sua sátira mordaz e a pesada tristeza em que sempre viveu. Define, ainda, o ideal do super-homem e, por fim, reunindo os sábios da época, os instrui sobre as teorias do super-homem e do eterno retorno<sup>33</sup>.

32 PEREIRA, L. M. “Ideias e fatos: Nietzsche”. In: *Folha da Noite*. São Paulo, 24/5/1933, p. 3.

33 VELHO, A. C. “Frederico Nietzsche”. In: *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 7/10/1933, p. 68. Tal artigo transcrito foi publicado por Geraldo Dias nos *Cadernos Nietzsche*, v. 36, n.1, Maio de

O autor de *Assim falava Zaratustra* atrai então, por esta época, o interesse de um público variado. Prova disso é que em novembro de 1933, no Rio de Janeiro, o Centro Acadêmico da Faculdade de Direito divulga em jornal uma nota intitulada “Nietzsche e sua obra”:

O Centro “Oswaldo Spengler”, da nossa Faculdade de Direito, organizou uma série de conferências, destinadas aos acadêmicos, cumprindo assim um dos fins culturais a que se propõe. O conferencista de hoje, será o escritor Sr. Renato Almeida que falará sobre Frederico Nietzsche. O ensaísta de “velocidade” fará um largo estudo da figura do autor de “Zaratustra”, mostrando as origens do seu pensamento e suas tendências, bem como o reflexo sobre a filosofia moderna. Fixará ainda Nietzsche como um criador de valores e, em especial, mostrará o significado da sua obra de esteta prevalecendo sobre o filósofo<sup>34</sup>.

A primeira parte da conferência do músico e folclorista Renato Almeida<sup>35</sup>, o “ensaísta de velocidade” também conhecido por ser um dos diretores do Liceu francês no Rio de Janeiro<sup>36</sup>, é publicada três dias depois no Suplemento do jornal *Diário de Notícias*. O raciocínio colocado em andamento nas linhas iniciais de seu texto aponta para a dificuldade na abordagem do filósofo: “Vamos marchando na floresta nietzschiana sem orientação possível. As encruzilhadas são perturbadoras, as clareiras se fecham, mal as suspeitamos, e só o vigor, a exuberância, o frenesi dominam”. Apesar disto, Renato Almeida julga que tal filosofia deixa uma “sensação nobre de exaltação, de aspiração, mas nunca nos satisfaz”, que ela encaminha para “um orientalismo sem nirvana” e que apesar de

---

2015. Correa Velho é autor de *Do século XX*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1935.

34 Cf. “Nietzsche e sua obra”. In: *O Jornal*. Rio de Janeiro, 9/11/1933, p. 3. O mesmo anúncio, sob o título “A obra literária de Nietzsche”, é publicado no jornal *Diário da Noite*, também em 9/11/1933.

35 Renato Almeida (1895-1981). Autor de *História da música brasileira* (1926) e de *Inteligência do Folclore* (1957).

36 Conforme anúncio do jornal *Diário de Notícias*: “Lycée Français. Rua das Laranjeiras, 13 e 15. Direção do Prof. Alfred Le Forestier e Dr. Renato Almeida” (Cf. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 17/05/1931, p. 7).

querer “vencer o ceticismo com que Kant secara a razão humana” Nietzsche acabou apenas por alongar “a sombra da melancolia”<sup>37</sup>. Em suas “Variações sobre Nietzsche” (título escolhido a dedo por quem bem conhecia a música), Almeida acaba também por insistir que com o filósofo alemão “pisamos no terreno do mais irredutível irracionalismo” e que “a não ser no misticismo da força inspirando o germanismo agressivo, o pensamento de Nietzsche não repercutiu no mundo moderno”, tendo sobrevivido apenas por ter “criado expressões maravilhosas de arte. A arte que salvou Frederico Nietzsche”<sup>38</sup>.

Os “excertos da conferência” de Renato Almeida em novembro talvez tenham motivado o surgimento de outro texto no começo de janeiro de 1934 nas páginas do mesmo jornal. Apesar de seu título – “Nietzsche, precursor do nazismo” – já na abertura do artigo o autor preocupava-se em ponderar as relações entre o pensamento nietzschiano e o “germanismo agressivo” presente no nacional-socialismo:

Seria um erro dizer que o nazismo alemão vem inteiramente da filosofia de Nietzsche. O rude filósofo da Prússia desestimava a “hipocrisia e a corrupção da ideia de raça na mixórdia da Europa atual”; exaltava os russos e os judeus; odiava o clero, os capitalistas e as massas. Em compensação, muitas de suas ideias parecem anunciar os ideais hitleristas. Somente que Nietzsche propunha uma aliança estreita germano-judia, para assegurar a Alemanha o domínio do mundo<sup>39</sup>.

O cuidado, aqui, em dizer que as ideias do filósofo talvez tenham influenciado os hitleristas e que ele desejava uma aliança entre os alemães e os judeus (algo que indica que o autor certamente lera alguma edição estrangeira de *Para além de bem e*

---

37 ALMEIDA, R. “Variações sobre Nietzsche”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 12/11/1933, Suplemento, p. 1.

38 *Idem*.

39 ANÔNIMO. “Nietzsche, precursor do nazismo”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 7/1/1934, p. 18.

*mal*, em particular o capítulo “Povos e pátrias”), é suficiente para que o autor assinale que seria apressado concluir que Nietzsche seja compreendido como precursor do nazismo. A perseguição aos judeus na Alemanha, de outra parte, agrava-se cada vez mais, assim como a oposição dos alemães do nacional-socialismo aos russos do socialismo internacional, aprofundando-se também a intolerância aos intelectuais – tal como alerta o escritor H.G. Wells em artigo publicado nas páginas da *Revista do Globo* em maio de 1934<sup>40</sup>.

Os intelectuais brasileiros, no entanto, estavam atentos aos acontecimentos que envolviam o nome de Nietzsche e as ações por parte dos nazistas. No mês de outubro de 1934, o crítico de arte, professor e poeta Flexa Ribeiro<sup>41</sup> aporta sua reflexão num jornal paulistano. Percebendo que por ocasião da comemoração do 90º aniversário de Nietzsche, o Partido Nacional-Socialista depositou uma coroa de flores no túmulo do filósofo em Röcken com a inscrição “Ao grande lutador”, Flexa Ribeiro busca afastar-se do sentido ideológico que teria motivado esta frase. Para ele, nenhum outro pensador teria exercido tão funda influência no espírito atual quanto o autor da *Genealogia da moral*. O mérito da doutrina nietzschiana estaria, assim, não em seu caráter político, mas sim ético, visto que Nietzsche teria “antecipado a ruína dos princípios cardeais da velha civilização”<sup>42</sup>.

---

40 “O autor radical que hoje é sincero na Alemanha leva uma vida muito perigosa e aventurada. Perseguido, esbofetado, vê maltratada não somente a sua pessoa, mas também os seus parentes e amigos (...) pode ser até que seja assassinado (...). Não deixemos que a monopolizadora, mas afetada de nacionalismo de um modo vicioso e incurável, nos cegue a respeito do que está acontecendo na Alemanha. O que ali ocorre não é um progresso. Os judeus são os que mais barulho originam, mas não são os judeus os únicos que sofrem. Entram na situação outra espécie de elementos. O que se passa na Alemanha parece, mais do que qualquer outra coisa, uma rebelião grosseira e da rusticidade contra a civilização” (WELLS, H. G. “Repto aos queimadores de livros”. In: *Revista do Globo*, ano 6, n. 9, fascículo 136, 12/5/1934, p. 52 e 60). A primeira queima de livros na Alemanha ocorrera em maio de 1933 e, dentre os autores censurados, estava Stefan Zweig.

41 José Flexa Pinto Ribeiro (1884-1971). É autor de *Fialho de Almeida: visão estética de sua obra* (1911) e dos seis volumes de *História crítica da arte* (1962).

42 RIBEIRO, F. “Nietzsche, o grande lutador”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo, 19/10/1934, p. 5.

A tese defendida no final do artigo de Flexa Ribeiro estava alinhada com a conclusão a que chegara Stefan Zweig em *Der Kampf mit dem Dämon: Hölderlin, Kleist, Nietzsche*, obra cujo último capítulo ganhava edição no Brasil:

(...) esse grande gênio sentiu toda a pressão do peso moral da Europa, e por isso assistiu ao mais maravilhoso furacão do espírito que precede ao maior furacão da História (...). Ninguém ouviu, como Nietzsche, os ruídos do grande edifício da Europa (...). Ninguém adivinhou tão exatamente, tão meteorologicamente, todos os detalhes e a violência do cataclismo que se preparava para a nossa cultura<sup>43</sup>.

Publicada pela Atlântida Editora sob o título *Nietzsche*, a tradução do ensaio de Stefan Zweig levada a termo por Zoran Ninitich e Roberto Magalhães<sup>44</sup>, sinalizava o crescente interesse pelo autor de *Para além de bem e mal*. Ao percorrer as páginas do livro, o leitor deparava-se com os capítulos “Tragédia sem personagens”, “Duplo retrato”, “Apologia da doença”, “O Don Juan do saber”, “Paixão da sinceridade”, “Marcha progressiva para si mesmo”, “Descoberta do sul”, “O refúgio da música”, “A sétima solidão”, “A dança sobre o abismo” e “O educador da liberdade” – abordagens que buscavam reconstruir a trajetória biográfica e intelectual do filósofo e que seriam evocadas, a partir de então, por vários intelectuais que, no Brasil, passariam a escrever textos sobre Nietzsche.

Em janeiro de 1935 vem somar-se às reflexões jornalísticas sobre o pensador alemão uma versão mais elaborada, de autoria do

---

43 ZWEIG, S. *Nietzsche*. Tradução direta do alemão de Zoran Ninitich e Roberto Magalhães. Rio de Janeiro: Atlantida editora, 1934, p. 206. No livro o nome do tradutor aparece como “Zoron”.

44 Não encontramos dados sobre o tradutor Roberto Magalhães. A respeito de Zoran Ninitich, tradutor de várias obras de Zweig no Brasil, a revista *Vida Doméstica* destacou em 1958 que este “iuguslavo de nascimento e brasileiro de coração”, era possuidor de “uma cultura multiforme”, um “poliglota” que “manejava 8 diferentes línguas” (“Vida filatélica”. In: *Vida doméstica*. Março de 1958, p. 64).

médico e escritor Veiga Lima<sup>45</sup>. Partindo da compreensão de que são os filósofos e artistas aqueles capazes de “suscitar no espírito do homem perspectivas novas”, Veiga Lima explora os temas principais da filosofia nietzschiana para mostrar a sua vigência em todas as manifestações da contemporaneidade (numa senda, portanto, contrária àquela percorrida por Renato Almeida). Pensador que teria denunciado a “infecção do mundo moderno”, cuja “unidade interior é fundada na psicologia”, Nietzsche teria explorado em profundidade o papel dos instintos, desenvolvendo uma forma de conhecimento capaz de explicar certos fatos psicológicos que constituem a filosofia e a arte. As ideias do autor do *Zaratustra*, assim, seriam fundamentais para entender, por exemplo, a obra de Ronald de Carvalho (escritor que, recuperando-se de um grave acidente, faleceria poucos dias depois da publicação do artigo de Veiga Lima)<sup>46</sup>.

Renato Almeida, por sua vez, que divulgara um primeiro excerto de sua conferência, envia uma segunda parte tanto para o jornal Carioca *Diário de Notícias* quanto para o jornal *Folha da Manhã* de São Paulo, texto que é publicado, respectivamente, em 12 e 17 de março de 1935. Neste segundo texto de suas “Variações sobre Nietzsche”, Renato Almeida recorre “a um conceito de Spengler, segundo o qual [Nietzsche] era quase sempre determinado, no estilo, no tom e na atitude da sua filosofia por um romantismo retardatário”. Almeida, que proferira sua conferência justamente no Centro “Oswaldo Spengler” da Faculdade de Direito no Rio de Janeiro, sente-se à vontade, assim, para evocar o autor de *A decadência do Ocidente*<sup>47</sup>, no empreendimento crítico da filosofia

45 Carlos da Veiga Lima (1899-?). Autor de *Cidade harmoniosa: contos* (1920) e *Maria Eleonora* (1932).

46 Cf. LIMA, C. V. “Sob o signo de Zaratustra”. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22/1/1935, p. 3.

47 Obra publicaada entre 1918 e 1922. Em 15/10/1924, Spengler enviou o ensaio “Nietzsche And His Century” para o Nietzsche-Arquív em Weimar, por ocasião da comemoração dos oitenta anos de nascimento do filósofo. A primeira publicação deste texto apareceu em SPENGLER, O. *Reden und Aufsätze*. Munich, 1937.

de Nietzsche. Tratando de forma bastante superficial os conceitos de vontade de potência e eterno retorno, bem como fazendo uma exploração breve de *Assim falava Zaratustra*, ele confessa não compreender por que “Nietzsche aboliu, com Kant, o conhecimento das causas e toda a finalidade, negou depois a Moral, matou a Deus e nos deixou apenas mergulhados no oceano da fatalidade”. Razão pela qual julga o filósofo como um materialista que, dentre outros, o decepcionam “da maneira mais angustiosa”, visto que não há como respirar “nesse fosso sem saída, onde o homem perde toda a garantia do seu destino e fica esmagado pela contingência sombria”. As reflexões de Renato Almeida acabam por concluir que o pensamento do filósofo da “vontade de poder” e do “super-homem” não poderiam conduzir a humanidade a outro destino senão à irrupção dos totalitarismos:

O super-homem de Nietzsche deslocou-se do seu individualismo e foi alargar-se na concepção nova do Estado, que se torna um ente coletivo e dominador, que se procura superar e absorve e é essência e forma, o totalitarismo em suma: o estadismo dos proletários de Moscou, dos fascistas de Mussolini ou dos nazistas de Hitler. Estes, sobretudo, procedem em linha reta, do misticismo de Nietzsche, cujas origens mergulham no inconsciente racial germânico<sup>48</sup>.

Enquanto Renato Almeida busca dar a público sua interpretação de Nietzsche a partir de Spengler, o “efeito Zweig” de abertura para uma compreensão mais ampla de Nietzsche se propaga. Em agosto de 1935 surge uma nova edição de seu ensaio, desta vez na versão integral do texto de 1925 em que abordava Hölderlin, Kleist e Nietzsche. Na tradução de Aurélio Pinheiro<sup>49</sup>, a editora Irmãos Pongetti publica, no Rio de Janeiro, *A luta contra o demônio*, lançamento que ganha divulgação na imprensa

---

48 ALMEIDA, R. “Variações sobre Nietzsche”. In: *Folha da Manhã*. São Paulo, 12/3/1935, p. 6; *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 17/3/1935.

49 Aurélio Pinheiro (1882-1938). Cronista e escritor brasileiro. Autor de *Macau* (1930) e *À margem do Amazonas* (1937).



carioca<sup>50</sup>. O livro que inicia com uma dedicatória ao fundador da psicanálise (“Ao professor Dr. Sigmund Freud – espírito agudo e fascinante –, dedico este tríplice estudo do espírito criador”) e cuja epígrafe de abertura do capítulo sobre Nietzsche é um trecho das *Considerações* extemporâneas (“O interesse que desperta em mim um filósofo depende exatamente de sua capacidade para nos dar um exemplo”), acaba por ser objeto de uma refinada apreciação intelectual, própria do crítico literário e escritor Tomás Murat<sup>51</sup>, que escreve o artigo “o demônio, o deserto e o gênio”:

[Nietzsche] sabe que não trabalha para um público ávido de seus livros (...). Ele, porém, não é um filósofo, um companheiro fraternal de Kant ou Leibniz, um desterrado nas paisagens benévolas e espinosianas do pensamento. É algo mais que um simples sistematizador de ideias, um mero codificador de leis morais. Traz o destino de um inquieto personagem que não pode ser esquecido, que não poderá jamais deixar de agitar-se no cenário mágico de ser um vivo entre homens vivos (...). Encontramos nos seus livros certos silêncios que fazem meditar mais do que muitas de suas palavras. São os silêncios que visitam, de raro em raro, o pensamento dos místicos. As sombras de Ruysbroeck e de Novalis são como estranhas árvores frondejando sobre a descarnada planície nietzschiana. Nietzsche é um místico, a seu modo. Até Hölderlin e Kleist, o demônio que falara ao ouvido de Sócrates não faz senão balbuciar sílabas medrosas e tímidas. Em Nietzsche, porém, clama tão despótica e emocionalmente, que nos detemos, apiedados, para coroar essa cabeça em febre<sup>52</sup>.

A tradução brasileira de *A luta contra o demônio* esgotaria três meses após sua publicação<sup>53</sup>. Embora nossa hipótese seja a de

50 ZWEIG, S. *A luta contra o demônio*. Trad. Aurélio Pinheiro. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935. O novo livro é anunciado na *Revista da Semana*. Rio de Janeiro, 24/8/1935, p. 5.

51 Tomás Murat (1903-1936). Autor de *O sentido das máscaras*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1939.

52 MURAT, T. “O demônio, o deserto e o gênio”. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 26/8/1935, p. 5.

53 Tal como noticia o jornal *A Razão* em setembro de 1936: “Stefan Zweig chegou ao Rio. O consagrado escritor austríaco, de valor literário tão poliforme (...) é hoje um dos nomes mais familiares do Brasil que lê. (...) No entanto, o triunfo de Zweig é literalmente incompreensível no Brasil. E não podemos impedir um movimento de surpresa quando sabemos, como é certo, que ‘A luta contra o demônio’, em que são biografadas três figuras de nenhum atrativo para o

que o ensaio de Stefan Zweig contribui decisivamente, tanto em sua edição de 1934 quanto na edição de 1935, para atuar como uma espécie de antídoto às tentativas de aproximação, no Brasil, de Nietzsche com o nacional-socialismo (até mesmo pelo fato de que Stefan Zweig, já bastante conhecido dos leitores brasileiros e defensor de Nietzsche, virá pedir asilo em nosso país nos anos seguintes), outros intérpretes do filósofo também exercem seu efeito sobre a cultura brasileira. É o caso de Édouard Schuré, cuja abordagem irá motivar a poetisa Abiah Lopes, que escreve sob o pseudônimo de Sylvia Patricia, a publicar o texto “Nietzsche, o grande solitário”. Buscando mostrar a importância que a solidão tinha para o autor do *Zarathustra*, ela discorda da abordagem defendida por Schuré, em sua obra *Précurseurs et revoltés*, de que o filósofo, por conhecer a “embriaguez da solidão”, experimentara também a sua “amargura até a última gota”<sup>54</sup>. Para ela, o mundo interior de Nietzsche teria lhe permitido “momentos de êxtase que só os profundos conhecem”. O filósofo, ademais, vivenciara uma solidão que somente começaria a ser sentida por outros indivíduos após o conflito armado que abalou moralmente o mundo, ou seja, a Primeira Guerra Mundial. Por esta razão, ele seria “o amigo de todos os atormentados” que procuram a felicidade e a verdade, embora, na visão de Sylvia Patrícia, elas jamais possam ser alcançadas<sup>55</sup>.

O ano de 1935, no que tange à recepção de Nietzsche no Brasil, encerrará com um texto de Sérgio Buarque de Holanda intitulado “Elisabeth Förster-Nietzsche”, escrito em decorrência do falecimento da irmã do filósofo, ocorrida em novembro. Sérgio Buarque aproveita a ocasião para criticar os textos que focam demais na biografia de Nietzsche ou que são demasiadamente literários:

---

povo, como são Hölderlin, Kleist e Nietzsche, teve esgotada em três meses a sua edição” (RAMOS, Z. “O caso Zweig”. In: *A Razão*. Ceará, 6/9/1936, p. 11).

54 SCHURÉ, É. *Précurseurs et revoltés*. Shelley, Nietzsche, Ada Negri, Ibsen, Maeterlinck, Wilhelmine Schröder-Devrient, Gobineau, Gustave Moreau. Paris: Perrin, 1904.

55 PATRÍCIA, S. “Nietzsche, o grande solitário”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 10/11/1935, p. 7.

Numa época em que andam em moda as biografias romanceadas, todas essas precisões [sobre a vida de Nietzsche] parecem excessivas e importunas – no caso de Nietzsche a “biografia” toma espaço demais para deixar lugar ao “romance”. A resenha dos fatos conhecidos de sua vida exterior é a tal ponto extensa e numerosa que quase nada se pode dizer de novo sobre ela. E isso explica um pouco o não ter encontrado até agora o seu Maurois ou o seu Ludwig<sup>56</sup>.

A crítica de Sérgio Buarque voltava-se também para destacar que Nietzsche repudiara o casamento de sua irmã com um antisemita, bem como para mostrar que, apesar de seus erros, Elisabeth lutara para preservar os documentos e a memória do filósofo, algo que deveria ser levado em conta até mesmo entre aqueles que se julgavam isentos da distorção da imagem de Nietzsche:

Não faltou, por outro lado, quem censurasse a Elisabeth por ter animado, através dos “Arquivos Nietzsche”, a formação de uma opinião unilateral e falsa sobre a personalidade do filósofo, de ter procurado fundar a glória de seu irmão sobre bases ilegítimas. Talvez houvesse razão nessa censura, partida principalmente dos homens da Esquerda, dos socialistas. Mas seria, por ventura, menos ilegítima e menos superficial a atitude desses mesmos homens quando pretendiam criar um Nietzsche à sua imagem?<sup>57</sup>

Sérgio Buarque, como sabemos, preparava já o seu livro *Raízes do Brasil*, a ser lançado no ano seguinte, em cujo capítulo final viria estampada uma epígrafe de Nietzsche, retirada de *O anticristo*: “Uma nação se desintegra quando confunde o seu dever com a noção de dever”<sup>58</sup>. Frase que dá o que pensar numa obra que

---

56 BUARQUE DE HOLANDA, S. “Elisabeth Foerster-Nietzsche”. In: *Folha da Manhã*. São Paulo, 19/12/1935, p. 6. Na qualidade de biógrafos, André Maurois havia publicado, por exemplo, o livro *Tourgueniev* (1931) e Emil Ludwig era conhecido, dentre outras obras, por *Goethe* (1920).

57 *Idem*.

58 Conforme lembra a recente edição crítica da obra (BUARQUE DE HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. Organização Pedro Meira Monteiro, Lilia Moritz Schwarcs. Estabelecimento de texto

se tornaria referência no país, posicionada justamente no capítulo intitulado “Nossa revolução”.

### **Nietzsche traduzido no Brasil (1936-1939): as primeiras edições de sua obra; a abordagem filosófica de Euryalo Cannabrava**

O interesse pelo pensamento de Nietzsche na segunda metade dos anos 1930 é bastante diversificado e, pelo menos do ponto de vista dos artigos até agora conhecidos, não se dá por uma associação imediata de seu nome com o nazismo. Se em dezembro de 1935 Sérgio Buarque de Holanda fazia um comentário bastante perspicaz a respeito dos intérpretes de Nietzsche num jornal paulista, em março de 1936 surge um texto de outro teor no jornal “O Estado de São Paulo”, a saber, “A advertência de Nietzsche”, de autoria do professor de Direito Penal na Faculdade de Direito da Universidade Católica de São Paulo e ensaísta Antonio de Queiroz Filho<sup>59</sup>. Conferindo destaque à reflexão de que “perdendo seu Deus, Nietzsche encontrou a si mesmo”, de Henri Lichtenberger (autor de *La philosophie de Nietzsche*. Paris: Alcan, 1901), Queiroz Filho também compreende que o pensador alemão foi um “grande solitário”, mas acrescenta que não poderia negar-se que sua obra revela “um grande processo de liberação espiritual”. Este processo de liberação, no entanto, teria somente conduzido ao caos e à desordem, resultando no colapso da razão – algo que deveria restar, pelo menos, como a “advertência” de um caminho a ser evitado:

---

e notas Mauricio Acuña e Marcelo Diego. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 299, nota 1). Nas edições seguintes, a partir da década de 1940, Sérgio Buarque excluiria algumas epígrafes dos capítulos, entre as quais, a de Nietzsche. Ver também: CHAVES, E. “Nietzsche e Raízes do Brasil”. In: *Revista Cult*, Agosto de 2000; BURNETT, H. “Notas sobre a recepção de Nietzsche em Sérgio Buarque de Holanda: o caso Elisabeth Foerster”. In: *Tempo Brasileiro*, v. 1, 2014, p. 79/87-88.

59 Antonio de Queiroz Filho (1910-1963). Autor de *Caminhos Humanos* (1941) e *Lições de Direito Penal* (1966).

Poderá parecer paradoxal, mas Nietzsche edificou, pacientemente, o próprio caos espiritual. Atirava-se de corpo e alma num redemoinho de ideias, segurava aqui um pensamento, ali um princípio contrário, absorvia-se na confusão das diretrizes, numa verdadeira volúpia de desorientação, numa alegria doentia de afirmar e negar ao mesmo tempo (...). Ele criou, sem um objetivo humano ou finalidade espiritual, uma obra poderosa, enérgica e única na história do pensamento (...). Via no pessimismo schopenhaueriano um “sintoma de decadência”, e no otimismo a “superficialidade”. E então criou um singular “otimismo trágico” (...). O final de seu drama interior clareia-se ao crepúsculo bruxuleante da razão em que ele escudara a fé na vitória (...). Da genialidade inexcedível de Nietzsche, ao menos, restou, para o espírito dos homens, uma impercível e luminosa advertência<sup>60</sup>.

É também por pensar em um colapso da razão que Augusto Meyer<sup>61</sup>, o ensaísta que já há algum tempo citava Nietzsche em passagens de seus artigos, tece um comentário num jornal de Porto Alegre que indica o modo como ele compreende o pensamento nietzschiano:

Que pesadelo esse paraíso sem mistério que é o sonho da razão. Sobre a cidade ideal dos espíritos livres brilha um pálido sol polar, com a infinita melancolia da perfeição (...). Que fazer, então, com as mãos inúteis e as pupilas vazias nessa terra sem incógnitas, a cidade de cristal onde a lucidez, de tanta claridade, se transforma em cegueira? São esses os frutos da árvore da ciência? Um desespero insondável como a angústia que sentimos, noite alta, em face do deserto estelar, cheio de estrelas, e vazio como o nosso terror deslumbrado? Quando, por exemplo, imaginamos que, ao chegar até nós a sua luz, decerto há muito tempo aquela estrela rósea e azul já morreu? É sempre em Nietzsche que eu penso então. Andou toda a vida a procurar o clima cruel da clarividência desumana, da lucidez desesperada. Mariposa consciente, bem sabia que a chama em torno da qual dançava a sua vertigem, seria para ele a morte,

---

60 QUEIROZ FILHO, A. de. “A advertência de Nietzsche”. In: *Estado de São Paulo*, 29/3/1936, p. 4.

61 Augusto Meyer (1902-1970). Em 1937 Meyer seria chamado por Getúlio Vargas para dirigir o Instituto Nacional do Livro. É autor de *Machado de Assis* (1935) e *Prosa dos pagos* (1943).

a treva, o horror essencial de um destino já cumprido<sup>62</sup>.

O segundo semestre de 1936 é também marcado pelo lançamento da primeira tradução brasileira de Nietzsche. Talvez justamente pelo fato de que existisse um contínuo interesse pela biografia do filósofo, surge a edição de *Ecce homo*, traduzida por Lourival de Queiroz Henkel<sup>63</sup>, em cuja orelha do livro se pode ler:

O criador do “super-homem”, tipo determinante da alta perfeição individual em oposição aos preconceitos do homem “moderno”, faz neste livro o retrospecto de sua trajetória intelectual. É o *canto do cisne* desse grande “destruidor” que, concentrando os lances supremos da energia criadora, analisa, livro por livro, toda a sua obra antes de morrer para a vida interior. “*Ecce homo*”, que diz “como cheguei a ser o que sou”, retrata a dolorosa agonia de um dos mais cintilantes espíritos que iluminaram a humanidade<sup>64</sup>.

Obra publicada em São Paulo pelas Edições e Publicações Brasil como o quinto título da “Biblioteca de autores célebres”, coleção cujos quatro primeiros volumes foram dedicados a Schopenhauer, Kant, Diderot e Rousseau<sup>65</sup>, a tradução de *Ecce homo* vem precedida por um prefácio de dez páginas de autoria de Affonso Bertagnoli, concluído em 25 de agosto de 1936 – data, portanto, do aniversário de Nietzsche. Nela, Bertagnoli busca inicialmente mostrar ao leitor brasileiro que o presente livro permite conhecer Nietzsche por ele mesmo: “através do [*Ecce homo*] podemos conhecer intimamente a personalidade do ‘imoralista’,

62 MEYER, A. “A esterilidade da perfeição”. In: *A Federação*. Porto Alegre, 8/6/1936, p. 3. Meyer cita Nietzsche em passagens de outros breves artigos seus no jornal *A Federação* (“Dualismo”, de 12/6/1936; “Vida e Cultura”, de 20/6/1936; “Mentalidade e Cultura”, 22/8/1936; “Chestov”, de 13/10/1936).

63 Entre as obras que verteu para a língua portuguesa está: *Fundamento da metaphysica dos costumes*. Trad. Lourival de Queiroz Henkel. Imprensa: São Paulo: Ed. Brasil, 1936.

64 NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como cheguei a ser o que sou*. Trad. Lourival de Queiroz Henkel. Prefácio de Affonso Bertagnoli. São Paulo: Edições e publicações Brasil, 1936.

65 O anúncio na contracapa da edição de *Ecce homo* indicava os títulos publicados anteriormente na Coleção Biblioteca de Autores Célebres: I. Schopenhauer: *O livre arbítrio*; II. Kant: *A paz perpétua*; III. Diderot: *Obras filosóficas*; IV. Rousseau: *O contrato social*.

sem as lendas que falseiam a realidade em sua plenitude”; insiste, tal como outros autores, na defesa de que a filosofia de Nietzsche antecipa a ruína de nossa civilização: “Em todas as expressões concludentes de Zarathustra temos presente uma visão serôdia do Ocidente em declínio”; avalia *Ecce homo* como uma obra redigida já sob o signo da crise psíquica: “é a apoteose da loucura com soberbos repentes de serenidade”; insiste no viés destrutivo de seu pensamento: “Nietzsche é a inteligência militante (...). No *Ecce homo* temos o retrato extremo do grande demolidor”; e, por fim, tenta uma visão de conjunto de sua filosofia, em direção contrária àqueles que pregavam que ele teria levado a razão ao seu colapso:

Nietzsche é o filósofo dos fortes e não dos débeis, daqueles que têm necessidade de sorver as mezinhas do velho dogmatismo para iludir a razão com a miragem de um bem que se lhes afigura eterno. (...) Tem sido hábito do filosofismo catedrático depreciar o grande mestre na sua obra. Reconhecem-no como pensador, como poeta, como escritor, como profeta, mas desprezam-no ou fingem desprezá-lo como criador de valores (...). As antigas pedras angulares da filosofia clássica sofreram sério abalo com o surgimento de Nietzsche; os poucos e verdadeiros pensadores que depois dele apareceram são unânimes em confessá-lo<sup>66</sup>.

Se nos textos sobre Nietzsche publicados em jornais e revistas brasileiras até o ano de 1936 predominavam abordagens realizadas por parte de críticos de arte, literatura e música, jornalistas, escritores e ensaístas, professores de letras, história e direito, em fevereiro de 1937 surge num jornal de Pernambuco uma reflexão que partia do interior da própria filosofia. Euryalo Cannabrava, que iniciara sua carreira como professor de História da Filosofia em Belo Horizonte em 1929, lecionando a partir de 1932 na Universidade de Minas Gerais, atuando no presente ano de 1937 na Universidade do Brasil no Rio de Janeiro, mostrava-se atento às publicações internacionais sobre Nietzsche por parte de intérpretes de seu pensamento. Como indica o título de seu artigo

66 *Idem*, p. 5, 8, 10, 11 e 12.

“Walter F. Otto – “Der junge Nietzsche” (O jovem Nietzsche) – 1936”, Cannabrava busca refletir sobre um ensaio do filólogo alemão recentemente publicado sob o título *Der Junge Nietzsche: ein Vortrage* (Frankfurt: Klossermann, 1936). Em seu estudo sobre a juventude de Nietzsche, Otto teria esclarecido as origens clássicas e humanistas do autor de *O nascimento da tragédia*, mas, para Cannabrava, ao mostrar as “coincidências entre as ideias de Nietzsche e as afirmações nazistas”, o filólogo teria perdido de vista determinadas posições que tornam Nietzsche um antípoda do nacional-socialismo, entre as quais a sua admiração pelo espírito mediterrâneo. Euryalo Cannabrava, que em poucos anos publicaria um ensaio sobre Descartes e Bergson, reconhece então a propósito do filósofo alemão:

Nietzsche operou uma transformação radical nas diretrizes e tendências do Século XX. A sua teoria sobre a moral dos senhores e a moral dos escravos difundiu-se como a inconsciência justificativa de todas as hábeis explorações dos sentimentos coletivos em benefício de um grupo ou de um homem privilegiado. A imposição de um sacrifício cruel às massas, para preparar o advento do super-homem, é acolhida, atualmente, por todos, como o mais legítimo recurso a fim de manter os grupos coletivos em uma tensão propícia aos empreendimentos heroicos.

Para Cannabrava, todavia, Nietzsche não tinha como prever que “tudo aquilo que se apresentava como dura experiência ou ato heroico” viria a ser interpretado pelas “modernas organizações totalitárias” não a partir do indivíduo soberano, mas do “instinto da multidão” – o qual alimentaria os regimes totalitários. Conforme seu entendimento:

Os alemães modernos se esquecem facilmente de que o filósofo da vontade de poder tinha excelentes disposições musicais para não perceber no hino dionisíaco do nacional-socialismo, algumas dissonâncias desagradáveis e bárbaras. O entusiasmo pela verdadeira grandeza e o ouvido apurado afastariam o filósofo, cada vez mais, de uma ditadura fanática e ruidosa como a de Hitler, que se mantém a custa daquelas manias e ingenuidades



tão ridicularizadas por Nietzsche nos seus frequentes ataques ao povo alemão.

Destacando, por fim, que Nietzsche tinha “entusiasmo pelos grandes escritores franceses como Montaigne, Stendhal, os moralistas do século XVII, e uma paixão pela vida e pela arte” que refletiam “o claro brilho do sol mediterrâneo”, Cannabrava demonstrava uma leitura atenta daquilo que constituía o escopo da filosofia nietzschiana e dos desdobramentos equivocados de suas ideias. Aliás, essa mesma perspectiva é reiterada no ano seguinte, quando *O Estado de São Paulo* publica o artigo “Nietzsche, a guerra e o antissemitismo”. Ao transcrever a carta de um leitor que se identificou por meio das siglas “H.C.S” no jornal *Le Temps*, de Paris, aquele que publicava o texto no periódico paulista acabava por também separar a filosofia de Nietzsche do nacional-socialismo. Em sua carta transcrita no jornal brasileiro, o anônimo correspondente observava:

Antes e durante a última guerra, e não só além-Reno, invocava muita gente a autoridade e os argumentos de Nietzsche para defender as próprias opiniões, deixando contudo de aludir às formais declarações contra a guerra, expedidas pelo filósofo alemão no “Viajante e sua sombra” com o subtítulo: “Meios de alcançar a verdadeira paz” (...) <sup>67</sup>. Mais recentemente, como todos sabem, diziam-se certos chefes de Estados totalitários admiradores de Nietzsche, alegando que elaboraram as respectivas ideologias segundo as suas teorias. Entretanto os fatos provam claramente quanto, na maneira de agir e julgar, eles se afastam do autor do “Zaratustra”, especialmente quanto às teorias racistas, pois Nietzsche sempre se gabou de ser “europeu e antissemita impenitente” <sup>68</sup>.

Ainda no segundo semestre de 1938 surge também a publicação do livro intitulado *Zaratustra morreu*, de autoria do paulista Heraldo Barbuy <sup>69</sup>. Trata-se de uma obra de oposição à

67 Trata-se do § 284 de *O andarilho e sua sombra*.

68 ANÔNIMO. “Nietzsche, a guerra e o antissemitismo”. In: *O Estado de São Paulo*, 9/10/1938, p. 4.

69 Heraldo Barbuy (1913-1979). Professor, tradutor, filósofo, historiador. Autor de *O problema*

Nietzsche, em particular em relação à tese do “super-homem”, tal como estava claro já na orelha do livro: “Barbuy concebeu e realizou este plano original: uma resposta ao ‘Assim falava Zaratustra’ e ao Super-Homem de Frederico Nietzsche. As páginas deste livro dirão do modo como não foi inferior a Nietzsche, nem pela tese com que lhe respondeu, nem pelo estilo em que escreveu. Trava um debate donde irradiam as fagulhas próprias das grandes lutas”<sup>70</sup>. Com estrutura próxima ao modo como Nietzsche escreveu o Zaratustra, Barbuy divide seu livro em duas partes: “I – Desde o princípio até os vales da maldição no país de Zaratustra; II – Dos vales da maldição no país de Zaratustra”. Iniciando com um “Prólogo de Gautama”, o autor apresenta trinta e oito discursos ao longo de mais de cem páginas. Destacando o lançamento, o jornal *O Dia* sintetizava:

(...) com o Super-homem o autor prega a Super-humanidade. Continuando a tarefa de Nietzsche, golpeia certas religiões, e alargando os conceitos da elevação moral, quer que se alargue a ponte que vai do homem ao Super-homem. O que há de interessante nesta obra é que Barbuy atira Gautama, o filósofo Hindu, contra Zaratustra, o filósofo persa. Dali, os sermões de Gautama no país de Zaratustra e as suas pregações inteiramente panteístas<sup>71</sup>.

Enquanto Heraldo Barbuy, mesmo opondo-se à Nietzsche, anunciava no final de seu livro que em breve daria ao público a tradução de “O viajante e sua sombra”, chegava também nas livrarias uma nova edição de *A luta contra o demônio*, de Stefan Zweig – o ensaio completo que agora vinha como parte de uma obra ampliada sob o título *Os construtores do mundo*<sup>72</sup>. O tradutor

---

*do ser* (1950) e *Marxismo e Religião* (1963).

70 BARBUY, H. *Zaratustra morreu*. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1938. Um exemplar consultado vem com o registro à caneta: “Passo Fundo 15-10-38”, o que indica a circulação do livro no Estado do Rio Grande do Sul logo após o lançamento.

71 ANÔNIMO. “Zarathustra morreu, de Heraldo Barbuy”. In: *O Dia*. Curitiba, 23/12/1938, p. 7.

72 ZWEIG, S. *Os construtores do mundo: Balzac, Dickens, Dostoiewsky, Holderlin, Kleist,*

do livro, Aurélio Pinheiro, que mantinha uma coluna nas páginas da revista *Carioca* intitulada “Os gênios perante a medicina” e nela já escrevera sobre Napoleão, Dostoievski, Beethoven, Voltaire e Balzac, publica em dezembro de 1938 sua abordagem sobre Nietzsche. Nesta revista semanal de grande circulação, ele inicia o primeiro parágrafo de seu texto citando Stefan Zweig (“Friedrich Nietzsche, como já havia dito Zweig, foi ‘um lutador solitário, sob o tempestuoso céu de seu destino’”). Demonstrando desde as linhas iniciais a influência do autor que traduzira, Aurélio Pinheiro busca então explorar dados da biografia e da correspondência do filósofo, colocando em relevo o modo como ele lidava com sua própria saúde. Explorando a ideia de que Nietzsche, portador de uma enfermidade que lhe causava sofrimentos desesperadores, teria ensaiado todos os métodos terapêuticos para curar-se a si próprio, chega então à conclusão de que os padecimentos do solitário hipocondríaco, dotado de um organismo hipersensível, cessaram no momento em que seu gênio finalmente penetrou na loucura<sup>73</sup>.

O “gênio louco doloroso” é também tema de reflexão nas nove páginas do prefácio para *O viandante e sua sombra*, traduzido por Heraldo Barbuy. Obra que chega ao público no segundo semestre de 1939, o prefácio, no entanto, não contribuiu para uma leitura exegética do pensamento nietzschiano. Barbuy, pelo contrário, assume uma posição ambígua em relação a Nietzsche, oscilando entre a admiração pelo filósofo e a crítica às suas ideias, entre ser um igual ao pensador alemão e superá-lo em muitos temas. De outra parte, colocando-se acima de Nietzsche, julga que “essencialmente poeta, nunca foi, entretanto, em todo o rigor do termo, o que se pode entender por filósofo”, visto que Nietzsche estaria longe “dessa precisão matemática e concisa com que, por exemplo, Kant, Fichte

---

*Nietzsche*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1938.

73 PINHEIRO, A. “Os gênios perante a medicina: Nietzsche”. In: *Revista Carioca*. Rio de Janeiro, 3/12/ 1938, p. 12 e 60. Este foi o último texto da série escrita por Renato de Almeida, que faleceu antes mesmo da publicação de seu artigo sobre Nietzsche (Cf. “Faleceu repentinamente o escritor Aurélio Pinheiro”. In: *A noite*. Rio de Janeiro, 17/11/1938, p. 3).

e Schopenhauer souberam expor suas obras”. Defendendo que não haveria nenhuma originalidade filosófica nas teses defendidas por Nietzsche, ele observa que mesmo “sua teoria do ‘perpétuo retorno’, simultaneamente formulada por Gustave Le Bon, sob a paternidade de Blanqui e de Heine, é fundamentalmente estóica”. Crítico de Nietzsche, Barbuy, por fim, acaba por lamentar que a obra *Zaratustra morreu*, opúsculo “anti-Nietzsche de minha autoria”, não tenha sido bem recebida entre os seus compatriotas<sup>74</sup>.

Se, todavia, em Barbuy falta a exegese, em Euryalo Cannabrava ela sobra. Novamente no *Diário de Pernambuco*, ele volta a colocar a tônica de sua reflexão filosófica sobre a complexidade do pensador alemão que iniciara sua carreira com *O nascimento da tragédia*. Refletindo sobre uma recente tradução francesa de um trabalho de juventude de Nietzsche (*La Naissance de la Philosophie à l'époque de la tragédie grecque*. Trad. de Geneviève Bianquis. Paris: Gallimard, 1938), Cannabrava mostra que o filósofo não estaria preocupado em fazer uma análise lógica minuciosa dos textos dos pensadores pré-socráticos, numa síntese harmoniosa dos fragmentos, e tampouco em oferecer uma interpretação original de suas ideias. Para ele, a singularidade de Nietzsche, que tinha uma aptidão única para transpor os temas da metafísica, da moral e da cultura ao plano da subjetividade lírica, seria a de mostrar a admirável aventura dos primeiros pensadores gregos que, emergindo de um mundo caótico, lendário e mitológico, entregaram-se à tarefa de reconstruir a realidade dentro das linhas luminosas da razão<sup>75</sup>.

Na antevéspera da eclosão da Segunda Guerra Mundial a partir da invasão da Polônia pela Alemanha em 1939, enquanto Cannabrava imprime outro tom na abordagem de Nietzsche, o

---

74 NIETZSCHE, F. *O viandante e sua sombra*. Trad. Heraldo Barbuy. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1939, respectivamente páginas 8 a 13.

75 Cf. CANNABRAVA, E. “Nietzsche – La naissance de la philosophie”. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 14/5/1939, p. 8. (Arquivo DP/D.A. Press, em 28/7/2016).

jornalista Ernani Reis do jornal *A noite* do Rio de Janeiro<sup>76</sup>, busca explorar o fato de que o presidente Getúlio Vargas havia deixado a entender que sua conduta seria inspirada por Nietzsche:

“Nos poucos intervalos que me deixa a função, leio alguns escritores do momento ou releio as páginas dos mestres da minha iniciação universitária... Dentre estes, Nietzsche escapou ao naufrágio dos ídolos”. São palavras do Presidente, recolhidas por Álvaro de las Casas para “El Mercurio” do Chile, e republicadas pela *A NOITE*, numa cintilante entrevista em que o Sr. Getúlio Vargas definiu, porventura a primeira vez de público, as linhas mestras de sua inteligência.

Após estas linhas iniciais de “Nietzsche e Getúlio Vargas”, Ernani Reis então desenvolve sua compreensão:

Uma certa identidade no processo intelectual, uma afinidade por vezes estranha há de explicar a persistência da predileção do mais complexo político brasileiro pelo menos acessível dos filósofos. Em ambos, a mesma invencível vontade de poder e domínio, que para Nietzsche foi uma norma abstrata de ação, e para Getúlio Vargas uma realização tenaz e constante; aquela força de penetração quase monstruosa derivando de um princípio de dúvida que chega a afligir o espectador limitado à configuração atual das questões, mas que é, realmente, a mais decisiva inspiração na pesquisa da verdade, e até uma coragem igual para, nos momentos críticos, com frieza cirúrgica que não exclui a mágoa do sentimento violento, romper os laços que as circunstâncias teceram<sup>77</sup>.

Matéria que buscava pensar Nietzsche como fonte das ações políticas de Getúlio Vargas, ela, de certo modo, era o coroamento em junho de 1939 de uma especulação já levantada no ano de 1930 por Assis Chateaubriand, quando Getúlio assumira o poder<sup>78</sup>.

76 Ernani Reis (1905-1954), “uma das figuras mais expressivas do moderno jornalismo brasileiro” (Cf. “Morreu Ernani Reis”. In: *A noite*. Rio de Janeiro, 16/9/1954, p. 1 e 4).

77 REIS, E. “Nietzsche e Getúlio Vargas”. In: *A noite*. Rio de Janeiro, 21/6/1939, p. 2.

78 Nas palavras de Chateaubriand: “saibam quantos que o Sr. Getúlio Vargas nasceu nas Missões, terra espiritualmente colonizada pelos filhos de Ignácio de Loyola, e que ninguém no Rio Grande do Sul, até hoje, devorou Frederico Nietzsche com a fome de jejum de que esse monge trágico se nutriu, para entrar na vida pública com a vontade de poder bismarckiana que

## **Nietzsche não é o filósofo do nazismo (1940-1943): Otto Maria Carpeaux; Mário Ferreira dos Santos.**

A associação do nome de Nietzsche com o do presidente Getúlio Vargas contribuía, por certo, para o interesse pelo filósofo no final da década de 1930. De outra parte, já no início de 1940, os contrários ao regime político de Vargas aproveitavam-se da associação do nome de Nietzsche com o de Hitler e de Mussolini, para explorar a “má-influência” do teórico da vontade de potência sobre o chefe de estado brasileiro. É o caso de Hamilton Barata, “diretor do periódico do Partido Comunista e da Aliança Nacional Libertadora”<sup>79</sup>, que já havia escrito diversos textos nos quais opunha-se à Vargas<sup>80</sup>, e que no meio do ano publica um artigo na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro sob o sugestivo título “Nietzsche triunfante”. Nele, Hamilton Barata inicia maneando determinados temas que constituem a reflexão nietzschiana (o “super-homem”, as “forças cósmicas”, a “vontade de potência”), para, em seguida, discorrer, de forma bastante irônica, sobre o modo como Vargas deveria conduzir o Brasil para que ele fosse uma potência que dominasse o mundo<sup>81</sup>.

O papel que a filosofia de Nietzsche então desempenha no cenário político mundial, embora questionável, vem justamente a ser um dos objetos de reflexão no segundo semestre de 1940 de um curso sobre o filósofo ministrado por Jean Maugüé na Universidade de São Paulo. Professor que chegara ao Brasil em 1935 e que

---

ele acaba de traduzir na campanha política e revolucionária, agora terminada” (CHATEAUBRIAND, A. “O maior dos gaúchos”. In: *O Jornal*, 3/12/ 1930, p. 2).

79 FLORES, A. B. *Las cadenas vienen de lejos, América Latina y libertad*. México: Editorial Letras, 1961, p. 123.

80 Ver: BARATA, H. *O assalto de 1930*. Rio de Janeiro: Oficinas graphicas “Alba”, 1932. Barata também abriu uma polêmica contra o delegado Filinto Müller em 1935 no artigo que publicou no jornal *O homem livre*, intitulado “O sangue de Tobias Warchawsky clama vingança!”.

81 BARATA, H. “Nietzsche triunfante”. In: *Gazeta de notícias*. Rio de Janeiro, 3/7/1940, p. 11. O presente texto foi transcrito e publicado por Geraldo Dias nos *Cadernos Nietzsche*, v. 36, n. 1, Maio de 2015.

integrava a missão universitária francesa destinada a criar as bases do Departamento de Filosofia da USP, Jean Maugüé, que na época tinha como seu assistente o professor Cruz Costa, dedicasse a apresentar o pensamento nietzschiano no segundo semestre de 1940. Entre seus alunos estava Antonio Cândido, que décadas depois relembra:

(...) em 1940 [Jean Maugüé] deu dois cursos notáveis para a minha turma. No primeiro semestre tratou do problema da “coisa-em-si” nas filosofias de Kant e Schopenhauer (...). O segundo semestre foi sobre Nietzsche, motivo de aulas onde abordou de maneira muito livre alguns temas centrais da obra, destacando sobretudo aspectos de cunho político, com referência à configuração do líder<sup>82</sup>.

No início da década de 1940, enquanto o engajamento político de Hamilton Barata confere um aspecto negativo ao pensamento do filósofo (na medida em que este forneceria inspiração para o exercício de poder dos ditadores) e a dedicação filosófica de Jean Maugüé explora determinados temas do pensamento nietzschiano, também compõem à cena abordagens marcadas por uma perspectiva cristã acerca do autor do *Zaratustra*. O escritor Otávio de Faria, de confissão católica, que já publicara *Cristo e César* (1937) e em pouco tempo daria a conhecer o livro *Fronteiras da santidade. Ensaio sobre León Bloy* (1940), surge com um texto na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, no qual confessa sua admiração por Nietzsche e Bloy. No artigo, ele busca traçar um paralelo entre ambos os autores para mostrar que tanto o crítico radical do cristianismo quanto o escritor cristão atribuíam a si mesmos uma importância e uma grandeza que seriam objeto de reconhecimento pela posteridade. Para Otávio de Faria, assim, o que haveria de comum entre Nietzsche e Bloy seria o fato de que ambos revelariam, por antecipação, a segurança de serem os dois maiores autores do

---

82 PONTES, H. “Entrevista com Antonio Candido”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 16, n. 47, São Paulo, Outubro de 2001.

século XIX<sup>83</sup>. Este modo de aproximação inusitado é, todavia, bem mais significativo do que a visão condenatória que o padre Carlos Borromeu Ebner apresentará sobre Nietzsche poucos meses depois na revista católica *A Ordem*. Neste sentido, após traçar um breve perfil biográfico, bibliográfico e temático de Nietzsche, ele acaba por sentenciar:

A doutrina de Nietzsche é o culto do egoísmo moderno. Os seus asseclas realizaram o sistema do mestre na Europa atual. “A vontade do poder”. Para consecução deste ideal se erguem os túmulos de esqueletos em Flandres. Para o culto do egoísmo cobre-se a terra de fogo. O pretenso homem superior é responsável pela onda de sangue que afoga o mundo<sup>84</sup>.

Ao lado de determinadas perspectivas cristãs que buscavam caminhos de aproximação ou de distanciamento do pensamento nietzschiano entre o final de 1940 e o início de 1941, estavam também textos que visavam avaliar certas interpretações do filósofo. É o caso de uma crítica a propósito da recente edição brasileira do livro *Nietzsche*, de Heinrich Mann, traduzido pelo jovem Sérgio Milliet<sup>85</sup>. Identificando-se por meio da abreviação “P.F.”, o autor escreve:

NIETZSCHE – apresentado por Heinrich Mann (Biblioteca Pensamento Vivo). Deve ser esta a pior obra da coleção. Embora nos pareça ser Nietzsche um filósofo muito difícil de ser apresentado de forma fragmentária, ainda assim, temos a impressão de ter sido o autor infeliz na seleção dos trechos, como foi também na sua apresentação. Heinrich Mann procurou nos dar um Nietzsche enquadrado dentro do seu pensamento político... pensamento este dos mais suspeitos... A introdução chega a ser irritante quando traçando um paralelo (já por si absurdo), entre Nietzsche e Jesus Cristo, acaba conferindo uma *vantagem* ao criador do Zaratustra; a introdução se torna ridícula quando começa a *prever* o que Nietzsche pensaria sobre aspectos da política moderna. Eis um livro que,

83 FARIA, O. “Nietzsche e León Bloy”. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 17/11/1940, p. 3.

84 EBNER, C. B. “Nietzsche em voga”. In: *A ordem – Revista de Cultura*. Abril de 1941, p. 28-30. Artigo transcrito e publicado por Geraldo Dias nos *Cadernos Nietzsche*, v. 36, n. 1, Maio de 2015.

85 MANN, H. *Pensamento vivo de Nietzsche*. Trad. Sergio Milliet. São Paulo Martins, 1940.



absolutamente, não merece ser lido. O grande filósofo alemão mereceria uma melhor apresentação, uma divulgação mais honesta<sup>86</sup>.

Embora neste texto do final de fevereiro de 1941 o crítico lamentasse a “Infeliz seleção dos trechos” da obra de Nietzsche por parte de Heinrich Mann e desejasse uma “divulgação mais honesta” de seu pensamento, é significativo observar que uma seleção cuidadosa de diversos textos do conjunto dos escritos nietzschianos vinha ganhando tradução já há alguns anos pelas mãos do poeta pelotense Alberto Ramos, o qual justamente falecera poucos dias antes, em 12 de fevereiro de 1941<sup>87</sup>. O esforço de Alberto Ramos, primeiro tradutor nacional, portanto, do que costumamos chamar de “obras incompletas” de Nietzsche, ganharia publicação somente oito anos mais tarde, sob o título *Nietzschianas*, com prefácio de Agripino Grieco, pela José Olympio Editora<sup>88</sup>.

Em janeiro de 1942, enquanto a Alemanha Nazista tomava a decisão pelo extermínio total dos judeus, Lucio Pinheiro dos Santos publica o texto “Nietzsche do lado da América”, na edição “Comemorativa da Conferência Panamericana dos Chanceleres” do jornal *Diário Carioca*. O objetivo do texto, que ocupa uma página do tabloide, pode ser compreendido através das palavras do próprio autor, identificado no jornal como “Antigo professor de Filosofia da Universidade do Porto”:

Não é nosso propósito, apenas, indicar aqui o caminho possível de uma reabilitação de Nietzsche arrancando-o à degradação a que se sujeitou, endeusando-o, a propaganda alemã, sem o menor escrúpulo. Foi o que fez Heinrich Mann, muito a propósito. É nosso intuito, especialmente, aproximá-lo do seu verdadeiro sentido, referindo-o ao seu momento atual, quando a “vontade de poder”, vontade humana, está ao lado da

---

86 P.F. “Livros e autores”. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 27/2/1941, p. 12.

87 Alberto Ramos (1871-1941). É autor de *O último canto do fauno* (1913) e de *Prosas de Ariel* (1936).

88 NIETZSCHE, F. *Nietzschianas*. Seleção e tradução de Alberto Ramos. Apresentação Agripino Grieco. São Paulo: José Olympio Editora, 1949. Obra a que temos nos dedicado há algum tempo, estamos preparando sua reedição crítica no Departamento de Filosofia da UFPel, de modo a fazer jus ao poeta, tradutor e escritor pelotense.

Grã-Bretanha, da América, da Rússia e da China – Contra a Alemanha<sup>89</sup>.

A reflexão de Lucio Pinheiro em Janeiro de 1942 mostrava Nietzsche como antípoda dos alemães que criaram o nacional-socialismo, contribuindo para a reabilitação do filósofo (tal como o fizera Stefan Zweig, o escritor que há muitos anos sendo perseguido pelos nazistas, cometia suicídio no Brasil no mês de fevereiro). Distanciando-se também da associação do nome de Nietzsche com o de Hitler, o marxista Edmundo Moniz, sob o pseudônimo de Paul de Mantain, escreve um novo texto de divulgação sobre o filósofo nas páginas da Revista *Carioca*. Analisando *Ecce homo* como uma obra que Nietzsche teria redigido “à beira da loucura definitiva”, algo que transpareceria também em suas cartas finais, Moniz julga que o pensador alemão sobrestimava demais a si próprio, possuindo traços megalomaniacos que o conduziram a julgar-se como o “reformador do mundo” e o “guia espiritual da humanidade”. Apesar de colocar o foco de seu interesse na biografia de Nietzsche, Moniz acaba por reconhecer que as pretensões lançadas em *Ecce homo*, embora sob a influência do delírio, em nada desvaneceriam o gênio de Nietzsche<sup>90</sup>.

“Gênio” que já fora objeto de investigação crítica por parte de Jean-Edouard Spenlé (cuja obra publicada em 1934 na França, ganhava tradução em língua portuguesa em 1942 sob o título *O pensamento alemão de Lutero a Nietzsche*)<sup>91</sup>, ele será explorado em profundidade por Otto Maria Carpeaux. Crítico literário austríaco que, fugindo do regime nazista, encontrara asilo no Brasil em 1939, ele publica numa edição de domingo do *Correio da Manhã* o ensaio “Nietzsche e as consequências”. Em sua tentativa de

---

89 SANTOS, L. P. dos. “Nietzsche do lado da América”. In: *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 24/1/1942, p. 21.

90 Cf. MANTAIN, P. “A sublime loucura de Nietzsche”. In: *Revista Carioca*. Rio de Janeiro, 28/2/1942, p. 8.

91 SPENLÉ, J.-E. *La pensée allemande de Luther à Nietzsche*. Paris: A. Colin, 1934; *O pensamento alemão de Lutero a Nietzsche*. Trad. Mário Ramos. São Paulo: Saraiva, 1942.

compreender o dilema entre “os valores da civilização alemã e as forças destruidoras no seio do mesmo povo que os criou”, Carpeaux busca então refutar três teorias vigentes e considera Nietzsche – o “Dionísio Crucificado” – como aquele que experimentou e antecipou as forças contraditórias do espírito alemão. Após fazer um balanço dos mal-entendidos em torno da recepção de Nietzsche tanto na Alemanha quanto na Europa até o ano de 1942, ele então parte da tese de que o pensador alemão seria simultaneamente poeta, filósofo e profeta, algo que somente seria possível no interior de um “homo religioso”, daquele que vivenciara o conflito oriundo da antiga barbárie nórdica e da barbárie dos novos burgueses alemães. Dotado de um intelecto que possuía uma “estrutura heraclítica”, tal como o de Hegel, Nietzsche, no entanto, na qualidade de “profeta do niilismo europeu”, teria não somente descoberto “a estrutura heraclítica do espírito alemão”, mas, sobretudo “o caminho da autodestruição deste espírito”. Ou seja, antecipado “o caminho do nacionalismo e do socialismo à fusão no nacional-socialismo”<sup>92</sup>.

A dissociação entre o nome de Nietzsche e o nazismo ganha novamente espaço no Rio de Janeiro nas páginas da *Revista Carioca* por meio do artigo “As tendências políticas de Nietzsche”, escrito pelo jornalista Pedro Lafayette. Consciente das tentativas europeias de apropriação política do pensamento do filósofo, Lafayette conclui, em julho de 1942, que Nietzsche não pode ser tomado nem como baluarte revolucionário de esquerda nem como expoente reacionário de direita. Gênio singular, seria mais apropriado considerá-lo como a “expressão superlativa das imensas contradições de sua espécie”. Pensador antidemocrático, ele estaria, como Platão, preocupado em formar uma “elite dirigente”, cuja hierarquia política deveria estar fundamentada na hierarquia intelectual<sup>93</sup>.

---

92 CARPEAUX, O. M. “Nietzsche e as consequências”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 26/4/1942, p. 1 e 4. Em Julho de 1942, Otto Maria Carpeaux redige o prefácio de seu livro *A cinza do purgatório* (Rio de Janeiro: C.E.B, 1942), no qual inclui este ensaio sobre Nietzsche.

93 LAFAYETTE, P. “As tendências políticas de Nietzsche”. In: *Revista Carioca*. Rio de Ja-

Entre os textos de teor político na recepção de Nietzsche, surge também uma abordagem que volta a recolocar o foco na biografia do filósofo. Em seu artigo “Lou-Salomé – a mulher a quem Nietzsche amou”, traduzido do francês e publicado no jornal carioca *Correio da Manhã*, o escritor Anatole de Monzie parte de uma referência inicial à tese que nomeia um de seus livros (*As viúvas abusivas*, 1937), para em seguida explorar o caráter de Lou-Andreas Salomé a partir da obra que ela publicou sobre Nietzsche. Para ele, a “interpretação testamentária” de Lou sobre a personalidade do filósofo alemão em 1893 revelaria não a Nietzsche, mas a psicologia de uma “coquete estudiosa”, uma “sereia calculista”, cujo “cinismo frio” seria, no mínimo, odioso<sup>94</sup>.

É também no mês de Julho de 1942 que começam a aparecer as primeiras abordagens do livro *Nietzsche*, do historiador norte-americano Crane Brinton, que recentemente ganhara tradução no Brasil<sup>95</sup>. O jovem jornalista e crítico literário Wilson Martins, após ler e comparar as edições brasileiras dos livros de Brinton e de Heinrich Mann, publica o texto “O pobre Nietzsche” no jornal *O Dia*, de Curitiba. Buscando formular sua compreensão acerca do autor da *Genealogia*, Martins julga que Nietzsche não estaria com a verdade, sendo apenas um “intelectual de classe média”, um “pensador sutil e letrado” cujas ideias não servem para justificar nem a barbárie do nacional-socialismo nem a causa da civilização<sup>96</sup>. José Lins do Rego, por sua vez, após a leitura da obra de Brinton, apresenta no *Diário de Pernambuco* o artigo “O Nietzsche de Hitler”. Atento a uma passagem do livro do norte-americano, Lins do Rego busca mostrar que os ideólogos do nazismo ignoraram

---

neiro, 1/7/1942, p. 40.

94 MONZIE, A. de. “Lou-Salomé – A mulher a quem Nietzsche amou”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18/7/1942, p. 9.

95 BRINTON, C. *Nietzsche*. Trad. Esther Mesquita. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.

96 MARTINS, W. “O pobre Nietzsche”. In: *O Dia*. Curitiba, 26/7/1942, Folhetim Literário, p. 11.

Nietzsche como poeta, crítico e psicólogo, apropriando-se apenas de alguns conceitos que justificassem a almejada “teoria da raça eleita”. Hitler, assim, ao fixar o busto do filósofo alemão em Weimar no ano de 1934, estaria vendo não a Nietzsche, mas a sua própria loucura e vontade de domínio<sup>97</sup>.

Às reflexões sobre Nietzsche vindas do Paraná e de Pernambuco, a partir do livro de Brinton, vêm somar-se em São Paulo a do jovem jornalista e escritor Edgar Carvalho<sup>98</sup>. Em “Nietzsche e os alemães”, publicado na *Folha da Manhã* em agosto de 1942, ele avalia que o filósofo “preparou, talvez, inconscientemente, terreno para Hitlers e Mussolinis”, visto que sua obra acabou por se adaptar “às necessidades do nazismo”, sendo ele “o único filósofo universalmente conhecido a fornecer copioso e sólido material aos chefes fascistas”:

Apoiando-se na obra de Nietzsche, eles encontram, pelo menos entre certa classe de intelectuais, um sentido mais ou menos filosófico para o credo político que defendem. Procuram, assim, disfarçar a pura barbárie, o puro retorno aos tempos primitivos, que constituem norma e ação do regime. Nietzsche serve-lhes muito bem, pois ele condena a democracia, o pacifismo, o individualismo, o humanitarismo, o cristianismo, como ideais abstratos, como vagas expressões da sociedade europeia moderna. Condenando isso, ele ao mesmo tempo recomenda a autoridades, a pureza racial, o espírito e a prática guerreira, a vida séria, o vigor físico etc. Está claro que os asseclas de Hitler não interpretam a filosofia do criador de Zaratustra em todos os seus detalhes. Propositadamente esquecem muita coisa. Esquecem, por exemplo, o bem que ele disse dos judeus e o mal que exteriorizou sobre os próprios alemães<sup>99</sup>.

O livro de Crane Brinton, assim, acaba por estimular

---

97 LINS DO REGO, J. “O Nietzsche de Hitler”. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 26/7/1942, p. 3. (Arquivo DP/D.A. Press, em 28/7/2016).

98 Edgar Carvalho (1915-?). Autor de *Fábrica* (1936) e de *Racilba, mulher sem coração* (1946).

99 CARVALHO, E. “Nietzsche e os alemães”. In: *Folha da Manhã*. São Paulo, 22/8/1942, p. 4.

reflexões que buscam pensar a filosofia de Nietzsche não como a causa do nazismo, mas como obra na qual os comandantes dos regimes totalitários tentaram encontrar justificativas para suas ações. Esta é também a interpretação do romancista Dalcídio Jurandir<sup>100</sup> (militante comunista que fora preso durante o regime de Vargas, em 1936), que escreve nas páginas da revista *Diretrizes*:

Hitler, à falta de uma doutrina e de justificações históricas para a sua tática política, recorreu a Nietzsche para pregar e executar o domínio ultrarreacionário e racista sobre os homens. É apenas um nauseabundo e servil instrumento dos magnatas-armamentos e dos policiais da águia prussiana. Nietzsche é um poeta, um não conformista exasperado e doente. Hitler em seu livro medíocre incita-nos a matar judeus, a exaltar a guerra e o saque, a considerar que o problema dominante das nações é o problema da raça (...). Nietzsche se visse os super-homens de hoje, repetiria o que Zaratustra diz no preâmbulo, a respeito dos macacos que encontra no caminho: “Uma irrisão e uma vergonha”! Hitler e seus comparsas são “aqueles moedeiros falsos, entes retrógrados, disfarçados com palavras solenes, aparatosos, de quem se devia ter muito cuidado”<sup>101</sup>.

Do mesmo modo, embora partindo de outras leituras, o historiador Heitor Moniz dá sua contribuição para que não se trate Nietzsche como filósofo do nazismo. Em texto publicado no final de agosto de 1942 no Rio de Janeiro, ele então busca compreender Nietzsche a partir de autores como Alexander Pfänder, Edouard Schuré, Heinrich Mann, Stefan Zweig, Mariano Barrenechea, Daniel Valéry, dentre outros. Fazendo eco a Barrenechea de que Nietzsche não seria o teórico dos estados totalitários, visto que “toda a sua obra grita contra tão absurda suposição”, ele observa:

Querendo o super-homem, Nietzsche batia-se pela cultura superior porque o super-homem era o homem da cultura elevada ao máximo. (...) Combatia

100 Dalcídio Jurandir (1909-1979). Autor de *Chove nos campos de Cachoeira* (1940) e de *Belém do Grão Pará* (1960).

101 JURANDIR, D. “Nietzsche e a caricatura nazista do Super-homem”. In: *Diretrizes*. Rio de Janeiro, 27/8/ 1942, p. 5 e 21. Texto transcrito e publicado por Geraldo Dias nos *Cadernos Nietzsche*, v. 36, n. 2, Setembro de 2015.

violentamente a “falsa cultura e a ignorância oficiais”, combatia o espírito prussiano, a mentalidade política germânica e a perseguição aos judeus (...). Nietzsche queria o super-homem, mas não o super-Estado, que ele combateu asperamente. E tinha pela liberdade individual uma paixão capaz de todas as rebeldias. O que se deu naturalmente com ele foi isto: tendo sido um dos maiores filósofos do mundo, e um dos maiores homens de pensamento da humanidade, tendo escrito sobre uma infinidade de assuntos e tendo deixado um sem número de ideias, pensamentos e conceitos, não raro contraditórios, mas de uma profundidade admirável, o seu nome passou a ser invocado pelos homens de todos os credos, cada qual procurando conduzi-lo para o caminho de suas doutrinas. (...). No fundo Nietzsche não é homem de nenhum partido, nem de nenhuma escola. É um homem que pertence ao patrimônio comum da humanidade<sup>102</sup>.

No segundo semestre de 1942, portanto, há quase unanimidade em não considerar Nietzsche como teorizador dos estados totalitários. Em defesa de Nietzsche e com uma visão crítica do livro de Crane Brinton, a quem considera “um autor ingênuo”, o escritor Álvaro Lins registra numa nota de seu futuro *Diário de Crítica*, publicada num jornal pernambucano em Setembro de 1942: “Que um nazista se aposses de Nietzsche é uma estupidez, mas outra estupidez maior será um anti-nazista logo aceitar esta solução e se atirar furiosamente contra Nietzsche”. Brinton, a seu ver, teria aberto uma polêmica em torno de Nietzsche “de caráter primário”, visto que seria uma falta de espírito crítico “a interpretação de um filósofo como Nietzsche sob o ponto de democracia e nazismo”<sup>103</sup>.

Neste cenário, todavia, há um nome que destoava deste modo de compreensão de Nietzsche no final de 1942: o de Couto de Magalhães Neto. Em seu texto “Nietzsche contra os judeus”, dividido em três partes e publicado em três domingos consecutivos no jornal carioca *Correio da Manhã*, Magalhães Neto busca criticar o caráter incongruente de

---

102 MUNIZ, H. “O super-homem de Nietzsche”. In: *A manhã*. Rio de Janeiro, 29/8/1942, p. 4 e 6. Texto transcrito e publicado por Geraldo Dias nos *Cadernos Nietzsche*, v. 36, n. 2, Setembro de 2015.

103 LINS, Á. “Notas de um diário de crítica”. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, 27/9/1942, p. 3. (Arquivo DP/D.A. Press, em 28/7/2016).

algumas teses da *Genealogia da moral* (a aristocracia e a plebe, o ódio judeu e o amor cristão, a superioridade racial dos ários e os valores da democracia). Explorando também a insuficiência das concepções de super-homem e de eterno retorno, ele procura mostrar que o pensamento de Nietzsche tem um caráter destrutivo, sendo o principal responsável pela desordem e anarquia existentes no mundo. Para Magalhães Neto, na tentativa de ocupar o lugar dos sacerdotes judeus com uma reflexão que se distancia de Deus e prefere os valores decadentes da cultura e da civilização, o filósofo não somente teria nos precipitado no caos, mas, sem conseguir resolver a questão da felicidade humana, seria ele próprio conduzido à irracionalidade. Magalhães Neto, por fim, em seu texto eivado de lugares-comuns sobre o filósofo, conclui em tom irônico: seria desejável que Nietzsche retornasse à vida para ver os danos que seu pensamento trouxe para a humanidade<sup>104</sup>. Ironia que, no fundo, apenas depunha contra Magalhães Neto, visto que ele não compreendia, afinal, o tema do eterno retorno do mesmo em Nietzsche.

Ao chegarmos ao ano de 1943, talvez o artigo que bem expresse a situação do debate em torno do pensamento de Nietzsche, embora de modo singelo e publicado como texto de divulgação, seja aquele de autoria de Edmundo Moniz, que novamente identifica-se por meio de um pseudônimo na revista *Carioca*. Após denotar conhecimento da polêmica em torno de Nietzsche, objeto de “inflamadas controvérsias” entre intelectuais de direita e de esquerda, entre partidários de Hitler e inimigos do nazismo, o autor busca fazer com que o próprio leitor reflita sobre as ideias do filósofo. Para tanto, após ilustrar alguns dados de sua biografia, apresenta trechos de *Assim falava Zaratustra* nos quais seria possível verificar que o ideal de Nietzsche era a liberdade, para si e para os outros – razão pela qual ele gozaria de grande

104 MAGALHÃES NETO, C. de. “Nietzsche contra os judeus”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 22/11/1942 (Parte I, p. 1-2); 29/11/1942 (Parte 2, p. 1); 6/12/1942 (Parte III, p. 8). Couto de Magalhães Neto, jornalista, escreveu entre 1936 e 1937 também no jornal *Correio Paulistano*. Não foram encontrados dados biográficos e bibliográficos sobre o autor. É provável, no entanto, que ele seja filho de José Couto de Magalhães e neto do general José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898).



estima “no círculo dos escritores progressistas”<sup>105</sup>.

Assim como Moniz preocupa-se em colocar o leitor brasileiro diretamente em contato com trechos da obra de Nietzsche, a tradução e publicação do *Crepúsculo dos ídolos*, anunciada nas páginas de diversos jornais a partir do final de abril de 1943, parece ir na mesma direção, indicando também o crescente interesse pelo filósofo<sup>106</sup>. É talvez como reação às abordagens que Nietzsche faz de Carlyle e de Emerson no capítulo “Incursões de um extemporâneo” do *Crepúsculo dos ídolos*, que Hermínio Sacchetta, debruçando-se sobre o tema do “super-homem”, tão em voga neste período, busca pensar o “Übermensch” nietzschiano como um “homem ideal” que encontraria precedente no “homem reformador” de Emerson e no “herói” de Carlyle<sup>107</sup>.

O ano de 1943 encerra, a nosso ver, com pelo menos dois textos que parecem bem demarcar a recepção de Nietzsche no Brasil. O primeiro é o artigo “Nietzsche e o super-homem à luz de uma análise”, de autoria do escritor e crítico literário Geraldo Ferraz<sup>108</sup>. Questionando a reiterada abordagem do tema do “super-homem” por parte de vários autores brasileiros, bem como a identificação de Nietzsche como filósofo do nazismo, Geraldo Ferraz afirma que as gerações intelectuais do presente,

(...) só se servem do nome de Nietzsche para citar a conciliação de alguns de seus princípios aos expedientes doutrinários do nazismo. É legítima tal “conciliação” ou ela é apenas aparente? Não se criou com essa ideia um cliché deformado do pensamento nietzschiano? Hitler pôde ser um produto da exasperação nietzschiana? Não estaremos, os que temos combatido o nazismo e suas outras formas, nacionais e estrangeiras, cometendo um grosso erro de interpretação? Não obstante

105 VIDAL, Luis [Pseudônimo de Edmundo Moniz]. “Ideias de Nietzsche”. In: *Carioca*. Rio de Janeiro, 27/2/1943, p. 8.

106 Cf. “Livros novos”. In: *Minas Jornal*. Minas Gerais, 29/4/1943, p. 2; “Livros novos”. In: *O Dia*. Curitiba, 1/5/1943.

107 SACCHETTA, Hermínio. “Três mestres do individualismo”. In: *Folha da Manhã*. São Paulo, 25/5/1943, p. 6.

108 Benedito Geraldo Ferraz Gonçalves (1905-1979). Autor de *A famosa revista* (1945) e *Doramundo* (1956).

(...) o chichezinho volta: o super-homem de Nietzsche é a prova filosófica do nazismo alemão. Não é preciso discutir o livro tendencioso de Crane Brinton, por misteriosas razões publicado em edição brasileira<sup>109</sup>.

Geraldo Ferraz, que participara da *Revista de Antropofagia* e conhecia Edmundo Moniz do jornal *Vanguarda Socialista*, irá então buscar no “ensaio do professor Henri Lefebvre sobre Nietzsche”, que apareceu em Paris em 1939, “um ponto de vista de honesta análise sobre a filosofia do contraditório pensador da ‘dialética trágica’”. Citando diversas passagens do livro para mostrar que para Lefebvre “Nietzsche não autorizaria no hitlerismo o abuso que se fez de suas palavras”, e enfatizando que “a bíblia do nazismo foi o *Mein Kampf*: nunca poderia ser *Also Sprach Zarathustra*”, ele acaba por concluir o artigo com o desejo de que sua reflexão contribuísse para que, no Brasil, “fosse tratado com outro interesse, isento de superficialismo partidário, a interpretação do super-homem nietzschiano”<sup>110</sup>.

O desejo de Geraldo Ferraz encontraria, em breve, a sua realização, pois o filósofo Mário Ferreira dos Santos havia concluído, já em 1943, o ensaio “O homem que foi um campo de Batalha”. Texto de oitenta páginas no qual abordava não somente o conceito de “super-homem”, mas vários outros conceitos nietzschianos, ele seria publicado como prefácio da edição brasileira de *A vontade de potência* – livro que gerara tantos mal-entendidos acerca de Nietzsche. Atento ao debate que envolvia a associação do nome do filósofo ao nazismo, desde a ascensão do nacional-socialismo em 1933 até ao Grande Reich alemão em 1943, Mário Ferreira selecionou apenas um trecho de Nietzsche para demarcar sua posição. Colocado na página de abertura do livro que em breve seria publicado pela Editora do Globo, Mário Ferreira então sintetizava, sob o título “Advertência”:

---

109 FERRAZ, G. “Nietzsche e o super-homem à luz de uma análise”. In: *Estado de São Paulo*, 30/12/ 1943, p. 4 e 5.

110 *Idem*.

O intuito de Nietzsche era escrever este livro em francês. São dele estas palavras: “O fato deste livro estar escrito em alemão, é, pelo menos, intempestivo; desejaria tê-lo escrito em francês para que não parecesse um fortalecimento de qualquer aspiração imperialista alemã”<sup>111</sup>.

A recepção de Nietzsche no Brasil durante os dez anos transcorridos entre a ascensão do nacional-socialismo e o estabelecimento do Grande Reich alemão, pelo menos do ponto de vista de uma boa parte dos artigos da imprensa, de determinadas traduções de seus intérpretes e de alguns textos de apresentação das obras do filósofo, indicavam já a complexidade de abordagens do pensamento nietzschiano entre nós. Se neste percurso acaba por transparecer que muitos já haviam dissociado o vínculo entre o nome de Nietzsche e o nazismo, reconhecendo-o como o pensador que antecipara as tensões imanentes do século XX, o coroamento dessa recepção irá ter lugar no ano seguinte. Assunto que investigaremos no texto “Nietzsche (1944): os intelectuais brasileiros no centenário do filósofo alemão”.

**Abstract:** This essay discusses the reception of Nietzsche’s thought by the Brazilian intelligentsia, between the early 1930’s and the eve of his birth centenary. Near fifty articles that appeared in the national press are analyzed, among which eighteen were published in *Cadernos Nietzsche*. To better understand the debate, the role played by the translation of books by some of the philosopher’s commentators and the first translations of his works published in Brazil are investigated as well. Amid the complexity of approaches to Nietzsche’s thought among relevant names in the Brazilian intellectual scene, many of them have erased the association between the German philosophy and Nazism, acknowledging him only as the thinker that had anticipated the immanent tensions of the 20<sup>th</sup> Century—the “man who was a battlefield,” as defined by Brazilian philosopher Mário Ferreira dos Santos in the preface for his translation of *The Will to Power*, written in 1943.

**Keywords:** Nietzsche - reception - Brazil - nazism - press - translations - interpretation.

---

111 NIETZSCHE, F. *A vontade de potência*. Tradução de Mário D. Ferreira dos Santos. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945, p. 7.

## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Renato. “Variações sobre Nietzsche” [Parte I]. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, domingo, 12 de novembro de 1933, Suplemento, p. 1.
- \_\_\_\_\_. “Variações sobre Nietzsche” [Parte II]. In: *Folha da Manhã*. São Paulo, 12 de março de 1935, p. 6; *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, domingo, 17 de março de 1935, Suplemento, Capa.
- ANÔNIMO. “O fim de Nietzsche”. In: *O Paiz*. Rio de Janeiro, 13 e 14 de Janeiro de 1930, capa.
- \_\_\_\_\_. “Dostoiewski e o regresso eterno”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1932, Suplemento, Capa.
- \_\_\_\_\_. “Nietzsche, precursor do nazismo”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1934, p. 18.
- \_\_\_\_\_. “Nietzsche, a guerra e o antisemitismo”. In: *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 9 de outubro de 1938, p. 4.
- BARATA, Hamilton. “Nietzsche triunfante”. In: *Gazeta de notícias*. Rio de Janeiro, 3 de Julho de 1940, p. 11.
- BARBUY, Heraldo. *Zaratustra morreu*. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1938.
- BRINTON, Crane. *Nietzsche*. Tradução de Esther Mesquita. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. “Elisabeth Foerster-Nietzsche”. In: *Folha da Manhã*. São Paulo, 19 de Dezembro de 1935, p. 6.
- CANNABRAVA, Euryalo. “Walter F. Otto – ‘Der junge Nietzsche’ – 1936”. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, domingo, 14 de fevereiro de 1937, p. 2. (Arquivo DP/D.A. Press, em 28/07/2016).
- \_\_\_\_\_. “Nietzsche – La naissance de la philosophie”. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, Domingo, 14 de Maio de 1939, p. 8. (Arquivo DP/D.A. Press, em 28/07/2016).
- CARPEAUX, Otto Maria. “Nietzsche e as consequências”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 26 de Abril de 1942, p. 1 e 4.
- CARVALHO, Edgar. “Nietzsche e os alemães”. In: *Folha da Manhã*. São Paulo, Sábado, 22 de Agosto de 1942, p. 4.
- D’ARAGONA, Mariano Rango. “A Sombra de Nietzsche”. In: *Diário da Tarde*.

Rubira, L.

Curitiba, 18 de dezembro de 1931, p. 3.

EBNER, Carlos Borromeu. “Nietzsche em voga”. In: *A ordem – Revista de Cultura*. Abril de 1941, p. 28-30.

FARIA, Octávio. “Nietzsche e León Bloy”. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, domingo, 17 de Novembro de 1940, p. 3.

FERRAZ, Geraldo. “Nietzsche e o super-homem à luz de uma análise”. In: *Estado de São Paulo*. São Paulo, 30 de dezembro de 1943, p. 4 e 5.

GAUDEFROY-DEMOMBYNES Jean. “Nietzsche, fonte de Hitler”. In: *Revista do Globo*. Porto Alegre, v. 5, n. 108, 5 de Abril de 1933, p. 4 e 5.

JARNÉS, Benjamín. “A equipagem de Frederico Nietzsche”. In: *O jornal*. Rio de Janeiro, 21 de Junho de 1931, p. 7.

JOSÉ, João. “Nietzsche na moda”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 6 de maio de 1933, p. 6.

JURANDIR, Dalcídio. “Nietzsche e a caricatura nazista do Super-homem”. In: *Diretrizes*. Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1942, p. 5 e 21.

LAFAYETTE, Pedro. “As tendências políticas de Nietzsche”. In: *Revista Carioca*. Rio de Janeiro, 1 de Julho de 1942, p. 40.

LIMA, C. da Veiga. “Sob o signo de Zaratustra”. In: *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 22 de Janeiro de 1935, p. 3.

LINS, Álvaro. “Notas de um diário de crítica”. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, Domingo, 27 de Setembro de 1942, p. 3. (Arquivo DP/D.A. Press, em 28/07/2016).

MAGALHÃES NETO, Couto de. “Nietzsche contra os judeus”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, Domingo, 22 de Novembro de 1942 (Parte I, p. 1-2), 29 de Novembro de 1942 (Parte 2, p. 1), 6 de Dezembro de 1942 (Parte III, p. 8).

MANN, Heinrich. *Pensamento vivo de Nietzsche*. Tradução de Sergio Milliet. São Paulo Martins, 1940.

MANTAIN, Paul de [Pseudônimo de Edmundo Moniz]. “A sublime loucura de Nietzsche”. In: *Revista Carioca*. Rio de Janeiro, 28 fevereiro de 1942, p. 8.

MARTINS, Wilson. “O pobre Nietzsche”. In: *O Dia*. Curitiba, Domingo, 26 de Julho de 1942, Folhetim Literário, p. 11.

MEYER, Augusto. “A esterilidade da perfeição”. In: *A Federação*. Porto Alegre, 8 de Junho de 1936, p. 3.

MONZIE, Anatole de. “Lou-Salomé – A mulher a quem Nietzsche amou”. In:

- Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, Sábado, 18 de Julho de 1942, p. 9.
- MUNIZ, Heitor. “O super-homem de Nietzsche”. In: *A Manhã*. Rio de Janeiro, domingo, 29 de agosto de 1942, p.4 e 6.
- MURAT, Thomas. “O demônio, o deserto e o gênio”. In: *O Globo*. Rio de Janeiro, 26 de agosto de 1935, Caderno “O Globo nas letras”, p. 5.
- NIETZSCHE, Frederico. *A genealogia da moral*. Tradução de Carlos José de Menezes. Lisboa: Guimarães, 1898.
- \_\_\_\_\_. *Como Falava Zaratustra*. Tradução Araújo Pereira. Lisboa: Guimarães & C.<sup>a</sup> – Editores, 1913.
- \_\_\_\_\_. *O Anti-Christo: estudo crítico sobre a crença cristã*. Tradução de Carlos José de Menezes. Lisboa: Guimarães, 1916.
- \_\_\_\_\_. *Assim falava Zaratustra: um livro para toda a gente e para ninguém*. Tradução de Araújo Pereira. São Paulo: Editora Moderna Paulistana, 1932.
- \_\_\_\_\_. *Ecce homo: como cheguei a ser o que sou*. Tradução de Lourival de Queiroz Henkel. Prefácio de Affonso Bertagnoli. São Paulo: Edições e publicações Brasil, 1936.
- \_\_\_\_\_. *O viandante e sua sombra*. Tradução de Heraldo Barbuy. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1939.
- \_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução de Persiano da Fonseca. Rio de Janeiro: Editora Vecchi, 1943.
- \_\_\_\_\_. *A vontade de potência*. Tradução de Mário D. Ferreira dos Santos. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.
- \_\_\_\_\_. *Nietzschiana*. Trechos escolhidos na obra do autor de Zaratustra por Alberto Ramos. Prefácio de Agrippino Grieco. São Paulo: José Olympio Editora, 1949.
- PATRÍCIA, Sylvia. “Nietzsche, o grande solitário”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, domingo, 10 de Novembro de 1935, p. 7; *Correio Paulistano*. São Paulo, Domingo, 17 de Novembro de 1935, p. 14.
- PEREIRA, Lucia Miguel. “Ideias e fatos: Nietzsche”. In: *Folha da Noite*. São Paulo, 24 de maio de 1933, p. 3.
- PINHEIRO, Aurélio. “Os gênios perante a medicina: Nietzsche”. In: *Revista Carioca*. Rio de Janeiro, 3 de dezembro de 1938, p. 12 e 60.
- QUEIROZ FILHO, Antônio de. “A advertência de Nietzsche”. In: *Estado de São Paulo*, 29 de março de 1936, p. 4.

Rubira, L.

- REGO, José Lins do. “O Nietzsche de Hitler”. In: *Diário de Pernambuco*. Recife, Domingo, 26 de Julho de 1942, p. 3. (Arquivo DP/D.A. Press, em 28/07/2016).
- REIS, Ernani. “Nietzsche e Getúlio Vargas”. In: *A noite*. Rio de Janeiro, 21 de Junho de 1939, p. 2.
- RIBEIRO, Flexa. “Nietzsche, o grande lutador”. In: *Correio Paulistano*. São Paulo, 19 de outubro de 1934, p. 5.
- SACCHETTA, Hermínio. “Três mestres do individualismo”. In: *Folha da Manhã*. São Paulo, 25 de Maio de 1943, p. 6.
- SANTOS, Lucio Pinheiro dos. “Nietzsche do lado da América”. In: *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 24 de Janeiro de 1942, p. 21.
- SPENLÉ, Jean-Edouard. *O pensamento alemão de Lutero a Nietzsche*. Tradução de Mário Ramos. São Paulo: Saraiva, 1942.
- STOBIA, Francisco. “Os críticos de Nietzsche”. In: *Diário da Tarde*. Curitiba, 17 de Maio de 1932, p. 3 (Palestras Pirapatheticas – LXIX).
- VELHO, A. Correa. “Frederico Nietzsche”. In: *Fon-Fon*. Rio de Janeiro, 7 de outubro de 1933, p. 68.
- VIDAL, Luis [Pseudônimo de Edmundo Moniz]. “Ideias de Nietzsche”. In: *Carioca*. Rio de Janeiro, 27 de Fevereiro de 1943, p. 8.
- ZWEIG, Stefan. *Nietzsche*. Tradução direta do alemão de Zoran Ninitch e Roberto Magalhães. Rio de Janeiro: Atlantida editora, 1934.
- \_\_\_\_\_. *A luta contra o demônio*. Tradução de Aurélio Pinheiro. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1935.
- \_\_\_\_\_. *Os construtores do mundo: Balzac, Dickens, Dostoiewsky, Holderlin, Kleist, Nietzsche*. Tradução de Aurélio Pinheiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1938.

Artigo recebido para publicação em 18/08/2016.

Artigo aceito para publicação em 28/10/2016.